

ANO I

Janeiro a Março de 1939  
VOLUME I

NUMERO 1

# REVISTA

## DA

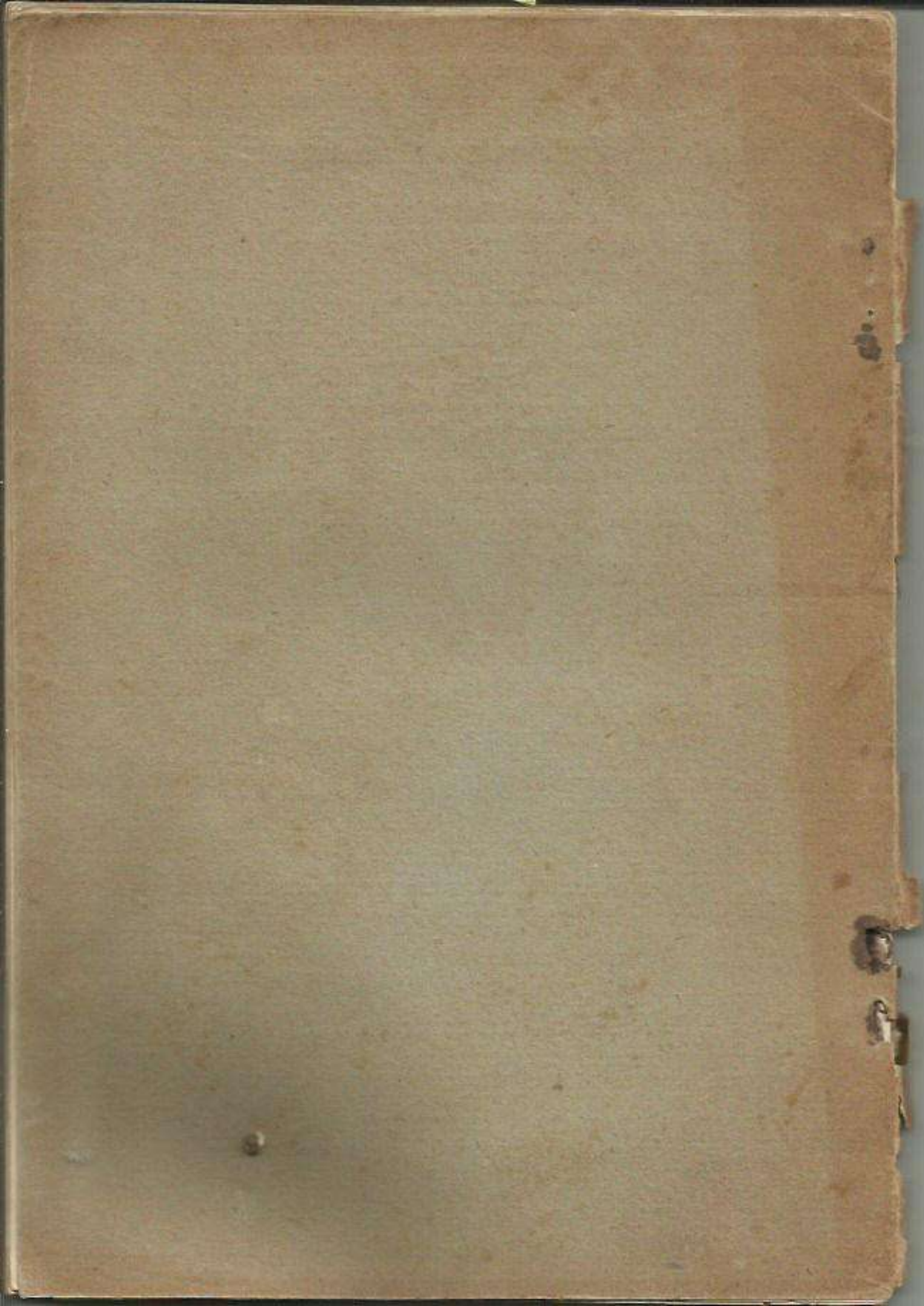
# ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Anais de 26 de Setembro de 1936  
a 18 de Outubro de 1937.

## SUMÁRIO

- Revista da Academia Paranaense de Letras.  
Estatutos da Academia Paranaense de Letras.  
A Bandeira — discurso — por Ulisses Vieira.  
Para além da Morte — versos — de Lacerda Pinto.  
Manoel Eufrásio Correia — por Leoncio Correia.  
Marumbi — versos — de Silveira Neto.  
O Paraná na Federação das Academias — por O. Martins Gomes.  
Poema para a que há de vir... — versos — de De Sá Barreto.  
O falar — por J. F. Mansur Guerios.  
A memória de Serapião do Nascimento — soneto — de Rodrigo Junior.  
Impressões da Bala — por Pereira de Macedo.  
Delírio retrospectivo — versos — de José Cadilhe.  
Discurso no Senado Federal — por Flavio Guimarães.  
Encantos Sobóris — versos — de Ciro Silva.  
Orgulho humano — por B. Nicolau dos Santos.  
Invektiva do Sér — sonetos — de Alceu Chichorro.  
Decadência do Esperanto — por Angelo Guarinielo.  
Engano — soneto — de Virgílio Moreira.  
Simplificação e ligação da matéria gramatical — de Raul Gómez.  
Proposta — de Martins Franco e Loureiro Fernandes.  
Esboço histórico e relatório do 1º ano de existência da Academia Paranaense de Letras.  
Bibliografia.  
Anais da Academia Paranaense de Letras — Fundação.  
Quadro Social da Academia Paranaense de Letras.



# REVISTA

DA

## ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

### Índice dêste volume

	Pgs.
Revista da Academia Paranaense de Letras .....	3
Estatutos da Academia Paranaense de Letras .....	4
A' Bandeira — discurso — por Ulisses Vieira .....	6
Para além da Morte — versos — de Lacerda Pinto .....	19
Manoel Eufrásio Correia — por Leoncio Correia .....	12
Marumbi — versos — de Silveira Neto .....	16
O Paraná na Federação das Academias — por O. Martins Gomes .....	18
Poema para a que há de vir... — versos — de De Sá Barreto .....	23
O falar — por J. F. Mansur Guerios .....	24
A' memória de Serapião do Nascimento — soneto — de Rodrigo Junior .....	25
Impressões da Baía — por Pereira de Macedo .....	26
Delírio retrospectivo — versos — de José Cadilhe .....	31
Discurso no Senado Federal — por Flavio Guimarães .....	36
Encantos Sonóros — versos — de Ciro Silva .....	41
Orgulho humano — por B. Nicoláu dos Santos .....	43
Invectiva do Sér — soneto — de Alceu Chichorro .....	46
Decadência do Esperanto — por Ângelo Guarinelo .....	48
Engano — soneto — de Virgílio Moreira .....	50
Simplificação e limitação da matéria gramatical — de Raul Gómez .....	51
Proposta — de Martins Franco e Loureiro Fernandes .....	54
Esboço histórico e relatório do 1º ano de existência da Academia Para nense de Letras .....	55
Análise da Academia Paranaense de Letras — Fundação .....	67
Bibliografia .....	82
Quadro Social da Academia Paranaense de Letras .....	84

## Revista da Academia Paranaense de Letras

Como órgão oficial da Academia Paranaense de Letras, sai, hoje, a lume o primeiro número desta "Revista", tendo como principal objetivo perpetuar os acontecimentos da vida cultural desta instituição.

Múltipla, é sem dúvida, a finalidade das Academias Literárias, salientando-se a que respeita ao cultivo da língua. De fato, neste setor de atividade, tais instituições representam importante papel, e grandes são as responsabilidades, de vez que lhes cumpre zelar pela integridade do idioma pátrio como poderoso íman da unidade nacional e elemento essencial de coesão nos destinos sociais de um Povo, em tórno do tempo.

De par com tantos outros estudos, indagações científicas, literárias e artísticas, cabe às Academias, como obrigação precípua, o cuidar das fôrmas da estrutura e das origens do vernáculo, do seu desenvolvimento e da sua justa-posição às condições mesológicas, como há sucedido entre nós, com o que herdamos dos nossos irmãos de além-mar.

Por outro lado, visa a Academia, com esta realização, coordenar-se ao esforço cultural que se opera em todo o País, desde o surto que às letras deu o notável congresso das Academias e associações congêneres, reunido no Rio de Janeiro, de 3 a 13 de maio de 1936, a cujo conclave acudiu nosso Estado, fazendo-se representar por Delegados do "Centro de Letras do Paraná", resultando daí a fundação da "Academia Paranaense de Letras" que, sem favor representa valiosa parcela da ação construtiva do Brasil intelectual.

Obediente, pois, ao seu programa estatutário, aparece, hoje, a REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS, no cenário da imprensa brasileira, como "artéria mental" da nossa cultura e meio apropriado ao intercâmbio de idéias no campo da inteligência.

A DIREÇÃO.

# Academia Paranaense de Letras

(Fundada em 26 de setembro de 1936)

## ESTATUTOS

Artº. 1º — A Academia Paranaense de Letras, fundada em 26 de setembro de 1936, tem por séde a cidade de Curitiba e funcionará nos termos do seu Regimento Interno.

Artº. 2º — A finalidade da Academia é o culto da língua nacional, em qualquer dos seus aspéto-científico, histórico, literário ou artístico.

§ Único — A Academia não assumirá atitudes políticas ou religiôsas.

Artº. 3º — Terá a Academia 40 cadeiras, cujos ocupantes gosarão do carácter de perpetuidade.

§ Único — Além dêsses, escolherá por escrutínio secreto, membros correspondentes nos Estados da República e em países estrangeiros, entre literatos de reconhecido mérito aí residentes.

Artº. 4º — São considerados sócios fundadores da Academia os seus membros organizadores e mais os que forem convidados, até serem ocupadas as 40 primeiras cadeiras.

Artº. 5º — As vagas por falecimento de sócios efetivos serão preenchidas pelos candidatos que fizerem sua respectiva inscrição e forem eleitos por dois terços dos acadêmicos presentes à sessão de eleição, na conformidade dos dispositivos do Regimento Interno.

§ Único — Poderão concorrer a essas vagas os brasileiros natos residentes no Paraná, com obras de reconhecido valor cultural ou artístico, publicadas em português.

Artº. 6º — Os patronos das cadeiras de que trata o artº. 3º, também perpétuos, serão escolhidos dentre os intelectuais paranaenses já falecidos e que hajam sido notáveis no trato das letras.

Artº. 7º — A administração da Academia, eleita por dois anos, será composta dos seguintes cargos: — Presidente, Vice-Presidente, Secretário Geral, 1º Secretário, 2º Secretário, Tesoureiro e Bibliotecário.

§ Único — Caberá ao Presidente representar a Academia em juízo e em suas relações com terceiros.

Artº. 8º — A Academia só será dissolvida pelo voto da totalidade de seus componentes efetivos, reunidos para esse fim em Assembléia Geral.

§ 1º — Em tal hipótese, será o seu arquivo recolhido ao Arquivo Público; os livros à Bibliotéca Pública do Estado e os demais bens serão conferidos pela Assembléia a uma instituição de caridade.

§ 2º — Uma vez dissolvida a Academia, far-se-á disso declaração pelo "Diário Oficial".

Artº. 9º — Êstes Estatutos só poderão ser reformados após cinco anos de vigência e por proposta escrita de, pelo menos, dois terços dos membros da Academia, e que estejam no pleno gôso de seus direitos acadêmicos.

Artº. 10º — Entrarão êstes Estatutos em vigor após sua aprovação pela Casa.

Curitiba, 26 de setembro de 1936.

Aprovados em sessão de Assembléia Geral, em 29-5-1937.

*Ulysses Vieira* — Presidente

*Francisco Ferreira Leite* — Vice-Presidente

*Octavio de Sá Barreto* — Secretário Geral

*Benedicto Nicolau dos Santos* — 1º Secretário

*Ciro Silva* — 2º Secretário

*José Pereira de Macedo* — Tesoureiro

Publicação no "DIÁRIO OFICIAL" do Estado, nº 1.640, de 1º de junho de 1937.

Transcrito no 1º Ofício do Registo de Títulos e Documentos, do Serventário da Capital, dr. Flavio Luz, sob nº 127, fls. 73, do livro nº 2, do Registo de Sociedades.

## À Bandeira

*Discurso pronunciado no altar da Pátria,  
erguido na Praça Santos Andrade, no dia  
da Bandeira iniciando as solenidades,*

*por ULYSSES VIEIRA.*

“Auri verde pendão de minha terra!”

Bendito sejas, na duração eterna do Brasil, cada vez mais forte e rico,  
cada vez mais culto e liberal.

Bendito sejas,

Estandarte que a luz do sol encerra  
E as promessas divinas da esperança

redivivas para todos os filhos da terra de Santa Cruz.

Coberto de louros, na fulguração da soberania brasileira, orgulhoso,  
panejando ao vento, neste altar que a Pátria ergueu para te glorificar, e  
onde todos nós vimos em romaria cívica, em peregrinação patriótica render  
te o culto do nosso amor, o respeito da nossa veneração, e trazer-te a jura  
solène de que te defenderemos de todos os perigos com a mesma coragem  
com que nossos irmãos e teus filhos te defenderam nos lances em que o  
Brasil se empenhou no passado, porque hoje e sempre, por teu bem, e pela  
tua honra,

Todos querem correndo à vitória  
Colher louros no campo da glória.

Bendito sejas!

Erguido nas cumiadas da Pátria, ostentando nosso orgulho de povo  
que, por si mesmo, conquistou a independência e sabe mantê-la íntegra e  
forte.

Bendito sejas, emblema de nossa fé e da nossa maior devoção cívica,  
testemunha de nossa existência, guia de nossos destinos!

Eis que te contemplo num altar, o maior de todos os tronos, trono dos  
santos, trono da fé, junto do qual se elevam e se superiorizam as consciências.

Bandeira: Ao pé do teu altar, estamos unidos à Pátria de que tu és a melhor e mais viva representação. Junto do altar da Pátria encimado com a bandeira, nosso culto deve consistir em fazer, — à semelhança do que aprendemos a balluciar no amanhecer da infância, guiados pela ternura e bondade de nossas mães, nos primeiros contactos com Deus, — a oração cívica, cheia de unção, em tua honra e para tua glória, dizendo:

Brasil nosso que estás na terra, debaixo do céu iluminado pelo Cruzeiro, grande seja teu nome e o valor dos teus filhos, que vivem felizes na fartura de teu reino prodigioso, todos com uma só vontade e uma só aspiração, prelibando teu bem e tua glória, e prontos para te livrar de todos os males e perigos, que ameacem tua integridade, e tua honra.

Salve terra de Santa Cruz, gloriosa e opulenta entre todas as do mundo!

Senhores:

O milagre portentoso da unidade nacional, dêste desencontro de climas e de raças; de paisagens e ambientes; de coxilhas e caatingas; de regiões serranas e pantanais; verdes florestas magestosas e alvas praias ridentes; de rios caudalosos em sistemas fertilizantes e pródigos de fartura — e agrestes planícies, onde reina a insolação e a sêde; desde o norte bravo, vivendo a tragédia da luta do homem contra o meio, até essa maravilha de paisagem e civilização, misto de imaginosa fantasia da Natureza criadora, com o trabalho arquitetônico, urbanista, produtivo que fazem do Rio de Janeiro a cidade mais bela do Mundo, — neste entrechoque de diversidades profundas, o milagre desta unidade assume foros de grandeza incomensurável, na afirmação solene da realidade do gênio de uma raça, sobrepairando, como se fôra anjo tutelar e bom, desde o Amazonas ao Jaguarão, desde as fronteiras da Bolívia às largas costas do Atlântico, batidas de sol.

E o espírito de nacionalidade, mais vivo que em qualquer povo do mundo, que faz do brasileiro uma confiança tão grande na existência inextinguível da Pátria, tanto que lhe traz essa aparente indolência que engana o observador menos esperto e que se quebra de repente, explodindo em vulcões, em arrancadas incríveis e gestos imorredouros, mal lhe pisam na dignidade cívica, ou lhe tentam ferir ou diminuir a grandeza da Pátria.

Esse espírito nacional é inato na consciência brasileira, vem desde o albôr de sua existência.

Surgiu nas penetrações heróicas do sertão desbravado pelas bandeiras do paulista descobridor de minas e caçador de bugres; afirmou-se nos primeiros pruridos de nacionalismo nas guerrilhas dos nativos contra o coloni-



zador e aí temos emboabas e mascates; afirmou-se no heroísmo sobrehumano da expulsão do holandês, na fusão das tres raças primordiais numa só catapulta vingadora a arrojara a ação e o gesto que varreram o norte da invasão dos bátaivos; cimentou-se nas rebeliões libertárias do Norte, foi átomo e foi vida, sacrifício e heroísmo na imolação de Tiradentes e foi uma explosão magnífica na luta da independência; viveu, daí então, nos dois reinados, protegido pelo drapejar verde e amarelo do estandarte da Pátria e foi eloquência no Parlamento do Império, foi a convicção que imortalizou Silveira Martins, e cintilou na espada de Caxias, o condestável do Império, e rebrillou na lança de Osório, e imolou-se nas lutas obscuras da fronteira, nas arrancadas gauchescas contra o oriental, defendendo palmo a palmo a integridade do solo, e foi glória e foi brazão, e foi vitória, e foi heroísmo nos campos ensanguentados do Paraguai, nos pantanaís de Mato Grosso, na retirada da Laguna, em Humaitá, Curupaiti, Assunção e Cerro Corá.

Vive nas lágrimas rejubilantes do escravo liberto, foi a clarinada festiva dos quartéis fazendo a República, imortalizou-se na figura de Rio Branco, o demarcador das nossas fronteiras, vestiu-se de luto nas revoluções internas para se glorificar mais na confraternização de partidos e ideais, que eram todos brasileiros.

Consagrou-se no verbo inflamado e reivindicador de Patrocínio, para tremular de novo nos borbotões da eloquência genial de Rui, o maior sábio da América.

Foi a força propulsora de Rondon, o segundo descobridor do Brasil e repartiu-se em farrapos da bandeira no sacrifício dos dezoito de Copacabana, para se reunir de novo na arrancada renovadora de 1930, e viveu também na mocidade idealista de S. Paulo em 1932 e nos heróis que, naquela circunstância, defenderam a integridade do Brasil.

Foi o grito de revolta contra os canibais de 35, integrou-se na literatura nacionalista que acordou civismos e bravuras e reuniu a mocidade brasileira; é a alta consciência de brasilidade do Exército e da Marinha, a refulgir altaneira no gesto centralizador de Getúlio Vargas.

É toda uma epopéia vivida que se impõe num categórico de integração, é uma certeza do Brasil de amanhã, é a realidade magnífica e antegosada do futuro da raça e da nacionalidade.

Neste dia que cultua o pavilhão que encerra, mais que outro símbolo, essa mística esplêndida da Pátria, sejam neste altar de religião cívica, ara de patriotismo, fogo sagrado da dignidade nacional, os nossos sentimentos e os nossos anelos, uma renovação dos votos que jurámos, das promessas inquebrantáveis que fizemos a nós mesmos na solenidade interior dos nossos corações, de fidelidade, dedicação e sacrifício ao bem da Pátria; de indomável combate contra os seus inimigos, de trabalho produtivo e clara orientação de espírito na construção das gerações futuras; de educação dos nossos filhos nos puros princípios de brasilidade, de amor à Pátria, votando

tôdas as fôrças do corpo, tôdas as energias da alma para cultuá-la, defendê-la, elevá-la ainda mais alto.

Vivos, sejamos a alavanca propulsora de um "elan" combativo que fulja no gesto, na palavra e na ação, sejamos uma resolução e uma idéia em marcha para o futuro: Pátria sòmente Pátria, até o último alento, até o derradeiro esforço.

Mortos, sejam as nossas memórias exemplo dos pósteros, e como na canção do artilheiro sirvam os nossos corpos de trincheira onde se abriguem os peitos dos heróis, e a fôrça dos sobreviventes.

Para que possamos fitar de frente o teu pendão auriverde, pendão da Pátria estremecida, e dizer numa certeza, numa esperança que o Brasil confirmará:

Pátria cremos em ti  
Pátria bendita, Salve!

## Para além da Morte

LACERDA PINTO

*Nã rua que o dia encheu de trepidação e de ruído,  
O silêncio da noite caiu como um tapete de veludo.  
Mas ainda há luzes vermelhas marcando no asfalto  
Os trechos em que os operários, à tarde,  
Fizeram alto, afinal, nas canseiras do seu trabalho,  
Desdóbrado entre os baixos estonteantes das camadas ferventes de pez  
E o tóldo luminoso do sol causticante escorrendo de cima.  
Passa às vezes correndo um veículo, em curvas loucas,  
Evitando os perigos que êsses olhos sanguíneos apontam,  
Ao longo da rua imensa.  
E volta o silêncio, cortado sòmente  
Pelo trilo dos grilos nas moitas dos morros fronteiros,  
No recinto do grande cemitério fechado,  
Onde há focos de luz amarela picando a alvura dos mármorees.  
Um cheiro bom de mato ao frescor do relento,  
Em vez da exalação do asfalto fumegante  
E a do pó, do óleo, da gasolina queimada.*

*Ah! como é triste, irmão, ao termo de um dia tão longo,  
Tomares nos ombros o blóco de pedra  
Dêsse cuidado novo,  
A que opões a resistência do teu coração fatigado!  
E ficas olhando, para além dos muros da grande necrópole,  
Os túmulos brancos e silenciosos,  
Com anjos imóveis velando calados.  
Em que banho de quietude e de paz mergulham todos os corpos que fazem*

*Sobre os mármore alvos de que são feitos aqueles anjos silentes!*  
*Ah! se deixasses o fardo, neste mesmo momento,*  
*E te fôsses deitar, como os outros, para dentro dos muros!*  
*Mas no escuro do céu em que há estrêlas brilhando,*  
*Estrêlas longinhas que deixam sempre ridiculos os nossos cuidados,*  
*Deante da eternidade serena da sua beleza*  
*— No céu escuro aparece a outra imagem imóvel*  
*Que abre os seus braços de luz no cimo do Corcovado.*  
*Teus nervos surgem à tona do sonho de morfina em que estavas imerso.*  
*Passás a ver então para além dos túmulos recolhidos e plácidos.*  
*E escondes agora no fundo do coração fatigado*  
*Uma paz que é maior do que a pedra que feria os teus ombros.*

## Manoel Eufrazio Correia

Em um discurso, proferido na Assembléa Provincial do Paraná, todo êle comovedor, pois repassado de triste e melancólica profécia, declarou o Dr. Manoel Eufrázio Correia que, se não lhe permitisse o destino cerrar os olhos sob o formoso e amado céu paranaense, desejaria ter o seu último leito em Recife, onde deslizaram dias felizes de sua mocidade acadêmica. E o destino, sempre caprichoso e desorientador, fez-lhe a vontade: a 4 de fevereiro de 1888, em meio de geral consternação, o grande chefe e honrado cidadão abandonava o cenário da vida subjetiva, para viver essa outra vida "em que o homem se faz ástro".

Romário Martins, orgulho e glória espiritual do Paraná, afirmou com a sutil agudeza que lhe é própria, ter sido Manoel Eufrázio, dos políticos do seu tempo, o que mais longe viu nos horizontes da liberdade.

Esse aserto, confirma-o a fé de officio do ilustre chefe conservador, que, deputado geral, apresentou à Câmara em 1872, um projeto sobre a autonomia municipal que ficou no seio da respectiva comissão, dormindo um sono de que não deveria despertar — tantas e tais eram as franquias outorgadas por êle ao poder consagrado como a célula mater do poder nacional. Considerado perigoso pela elasticidade dos principios liberais que pregava, deve estar ruído pelas traças, sob o pó irreverente dos arquivos da casa, enbelezada à moderna, em que voltou a funcionar o ramo legislativo federal.

O casamento civil, a separação da Igreja do Estado, secularização dos cemitérios, a imigração selecionada — problemas audaciosos para o tempo — foram, em discursos e livros, propostos e agitados pelo saudoso paranaense que, enfrentando o primeiro Rio Branco — um dos mais notáveis valores do Império — então presidente do Conselho de Ministros, em violento discurso de opposição arrancou do imortal estadista autor principal da lei de 28 de setembro, esta frase espontânea e memorável:

— É bastante agreste este jovem deputado pelo Paraná, mais tem muito talento!

Sobre tão nobre individualidade escreveu-me o grande e glorioso historiador paranista Rocha Pombo, ainda e sempre vivo na saúde, no amor e na admiração da terra das araucárias: "tive a fortuna de conviver muito

de perto com o Dr. Manoel Eufrásio Correia, e posso dar testemunho da austeridade de seu caráter, das suas finas qualidades morais, do seu espírito de justiça e da sua inteligência profunda e serena. As nossas relações começaram quando eu era muito moço.

Na minha cidadezinha natal andava eu a procura dos meus rumos, quando recebi um dia a visita d'êle, na humilde saleta em que eu trabalhava, na casa de meus pais. Ia êle pedir-nos que consentisse em nomear-me árbitro numa questão de desapropriação, e por parte da Companhia Chemin de Fer. Depois que demos o laudo, procurou-me outra vez para agradecer-me. E nessa ocasião disse-me tais palavras de estímulo e animação, que me diz-puz a mudar-me para Curitiba, saindo da estagnação em que me encontrava em Morretes.

Em Curitiba procurou o Dr. Eufrásio Correia, meter-me na imprensa (Gazetá Paranaense) e até na advocacia, fazendo-me tirar uma carta de solicitador. Entrei, então, para o seu escritório de advocacia.

É escusado dizer que sempre me pareceu que nunca pude dar provas de mim no fóro, para que eu me sentia com uma inabilidade perfeita e decisiva. Mas só o fatô de estar diariamente junto a tão alta figura, já me fazia muito bem. E foi então que pude apreciar as virtudes ponderadas e discretas daquele homem. Era de uma delicadeza insinuante, mas por isso mesmo sem exagêro de vãs familiaridades.

Convivia conosco, entre a multidão dos políticos, o Dr. Monteiro Tourinho, e, muitas vezes, com êste ilustre engenheiro conversava sobre Manoel Eufrásio. Dizia-me sempre o Dr. Tourinho que o grande chefe conservador era um dos homens mais inteligentes que havia conhecido; e lamentava que seu espírito não saísse das estreitezas da política. Para o Dr. Tourinho, que não era um simples engenheiro, mais um homem de vasta cultura geral, o Dr. Eufrásio, se pudesse estudar mais e desprender-se algum tanto das lutas partidárias, bem poderia fazer-se um intelectual de raça e um grande espírito. Muito teria a dizer ainda desta fase das nossas relações; mais seria alongar demais estas notas.

É preciso acrescentar, entretanto, que foi Manoel Eufrásio que me meteu na política. De Curitiba tive de mudar-me para Castro. Tanto Manoel Eufrásio como o barão do Serro Azul, com quem também me relacionei nesse tempo, não me esqueceram com a ausência. No primeiro pleito me incluíram na chapa da minoria pelo segundo distrito. Fui, dessa vez, eleito, mais a junta apuradora me excluiu. Em novo pleito vingou, afinal, a minha candidatura e, voltando à Curitiba, resolvi ficar aí definitivamente. Na Assembléia, tive, a propósito de uma questão em que tinha que ser coerente de afastar-me da minoria. Todos os colégas irritaram-se comigo, menos o Dr. Eufrásio Correia. Logo depois, desiludido, voltei a Castro. Nisto, há mudança de situação, e êle é nomeado presidente de Pernambuco. Tenho clara ante os olhos, como si o recebesse neste instante, a carta de despedida

que me escreveu ao partir de Curitiba, e na qual desvanecia o que se passára na Assembléa, e dizendo tanta cousa com que me consolei. Infelizmente, Manoel Eufrásio partiu para não voltar."

De uma integridade moral sem interstícios, a sua consciência límpida e estoica repugnavam todos os processos tortuosos. Como relator da comissão de verificação de poderes, êle arrostando as iras de seus correligionários, reconheceu o liberal José Mariano, eleito pelo segundo distrito do Recife, em renhíidissimo pleito, por dois votos de maioria sôbre o seu competidor, o conselheiro Machado Portela, ministro do Império, e amigo particular e político de Eufrásio Correia. Não é caso isolado êsse. Em Minas, derrotado o candidato liberal Manoel Eustáquio de Andrade em primeiro escrutínio, foram a segundo o chefe conservador Olímpio Valadão e o republicano Alvaro Botelho. Liberais e conservadores do 13º distrito uniram-se para a derrota do inimigo do regime. Corrida, em calma, a eleição, verificou-se a vitória do candidato republicano, apenas por um voto de maioria!

Grande foi o trabalho feito, imenso foi o esforço desenvolvido com o objetivo de procurar impedir que aquêle que não transigia em questões de ética política lograsse parecer reconhecendo o adversário da situação e do trono. E o argumento decisivo era êste: o voto que decidiu dá vitória foi o de um eleitor que, no primeiro escrutínio, estava em S. Paulo, e, no segundo, em Minas.

Se o eleitor assim pôde proceder, é que reünia requisitos legais para ser alistado, em condições honestas, tanto numa como noutra província.

— Mas pode se encontrar aí motivo de nulidade...

— Não me presto a manejo indecente. Dêem-me exoneração do cargo ou cortem-me as mãos. Só assim deixarei de reconhecer o nosso adversário.

— Assim, não.

— Pois então, ainda outro alvitre: eu lavro o meu parecer; um coléga da comissão dará outro em separado: A maioria da comissão assina-o, e o meu voto passará a ser voto vencido, porém de acôrdo com a minha consciência jurídica e a verdade eleitoral.

— Assim também não...

— Pois então lavrarei parecer reconhecendo o candidato republicano.

Um dos presentes abespinhou-se, e revidou, entre irónico e mal humorado:

— Então você é um Catão, seu Eufrásio...

— Mas não de cêra como você.

O barão de Cotegipe, que no início das relações entre ambos, o achára sobranceiro e ríspido, foi, por uma conviniência mais íntima, conhecendo e avaliando os encantos morais e intellectuais do deputado paranaense.

De uma feita, o chefe do gabinete ministerial, o grande estadista baiano, queixava-se das torturas que estava sofrendo para preencher uma vaga de Brigadeiro do Exército.

— Porque quer, retrucou Eufrásio Correia. Aí está o Coronel José de Almeida Barreto.

— Falta-lhe certo preparo, certa cultura...

— Para ser oficial general do nosso exército é necessário a exhibição de um título científico? Não basta uma honrosa fé de officio? E eu não sei de outro coronel que a possua mais brilhante do que Almeida Barreto.

E êste foi promovido.

Cotegipe dissera-lhe certa vez:

— Se, quando organizei o meu ministério, o conhecesse como o conheço hoje, tê-lo-ia convidado para meu companheiro de governo.

— Mas eu não accitaria.

— Essa é boa! E porque?

— Porque nunca administrei, e não me sujeitaria a comer pela mão dos diretores de secção.

— E accitaria a presidência de uma província de primeira ordem?

— Sim. Faria o curso da arte de administrar.

Pouco depois era nomeado presidente de Pernambuco. Lá fechou subitamente a porta da vida terrena, deixando de si memória honrada e duradoura êsse "homem de um só parecer, de um só rosto, de uma só fé, de antes quebrar que torcer."

LEONCIO CORREIA.



## Marumbí

*Audacioso arremedo, fingem  
de Ganges e de Himaláia,  
do fabuloso continente d'Ásia,  
o NHUNDIAQUARA e o MARUMBI.*

*As auroras de Maio por vezes tingem  
de luz a verde escarpa da montanha.  
E acorda o MARUMBI entre folhas e flôres  
da mataria que por êle medra.*

*Mas é um sonho milenário  
o silêncio da pedra,  
mais frio que a solidão fria e calada;  
e que veio do Cáos, como de um cérebro vazio  
a refletir a cousa ainda incriada.*

*E' o silêncio da pedra,  
pela ausência de uma alma,  
levando a montanha a um exílio maior.  
E a alma é,  
na incógnita da vida,  
a solução do Infinito,  
que ainda a morte, que vence a dôr.*

*E será que a montanha não tem alma?  
Se ela teve um princípio, ela pôde crescer;  
e foi monte sagrado no Ararat, no Sinai,  
como foi, e tamanha,  
no Tabor da Transfiguração  
e naquela, divina,  
do "Sermão da Montanha"?*

*E a do Caucaso, entre o grasno do abutre  
e a imprecção de quem roubou ao céu  
a luz, de que o espírito se nutre.  
Salve Prometeu!*

*E o Monte Branco, o Himaláia,  
o Everést,  
monstros dominando os ares,  
tendo aos pés  
a humildade humana que os contempla  
como a fantásticos altares  
de onde a Terra faz a prece ao Criador?*

*Desperta o MARUMBI, na desolada  
mudez da pedra, ferrolhos de uma prisão,  
e pouco a pouco a vida acorda e canta  
na sanguínea que abre a madrugada,  
por onde o sol envia a bençam do calor.  
E a montanha supõe deter no seio  
o frémite universal de um coração.*

(Do poema regional *Margens do Nhundiaquara*, canto VI.)

SILVEIRA NETO.

## O Paraná na Federação das Academias de Letras

*Discurso proferido na Academia Paranaense de Letras no dia do 1º aniversário de sua fundação pelo orador oficial,*

O. MARTINS GOMES

Há uma força superior e invisível que impulsiona o destino dos homens e das coisas, e aqueles passam muitas vezes despercebidos de que estão sendo meros instrumentos, quando não joguetes, coadjuvando o êxito de finalidades de repercussão coletiva, para o bem ou para o mal.

Fundada há um ano a Academia Paranaense de Letras a fim de se incorporar, como parte componente, à Federação das Academias de Letras do Brasil, atravessa ainda as dificuldades da fase de organização de modo a poder apresentar-se no seu acabamento definitivo. E para a comemoração de hoje houve por bem o nosso Presidente designar-me orador celebrante da magna data. Senti-me algo atrapalhado para o desempenho da honrosa incumbência. E hoje de manhã, ao aparelhar-me visando a execução da tarefa, na densa escuridade do meu espírito se foram abrindo clareiras, e não só encontrei assunto como pude atinar porque ocorreu a escolha casual do meu nome para esta celebração.

A minha atividade propriamente literária quasi não passou das primícias, quando, ainda na menoridade, ensaiei o verso, a prosa e a crítica em revistas e jornais desta Capital, grangeando, com essa iniciação, à qual não sobrevieram grãos maiores, o título gracioso de homem de letras.

Fundei e mantive de Fevereiro de 1912 a Dezembro de 1913, com Lacerda Pinto, nosso brilhante companheiro presente, Tasso da Silveira, hoje mais que um nome nacional na literatura pátria, pois já transpôs as lindes do país, e José Guaíba, mais tarde e ainda hoje prejudicado na sua promissora cerebração pela enfermidade, a revista "Fanal", órgão do "Novo Cenáculo", a qual ficou constituindo o principal repositório da nossa produção intelectual naquela quadra saudosa da adolescência.

O "Fanal" enfeixava também a colaboração de outros "novos" e de plúmitos paranaenses de anteriores gerações, muitos dos quais enobrecem as cadeiras desta Academia. Devo notar uma circunstância significativa para aquela época. A nossa revista, com leitores também em outros Estados, era confeccionada gratuitamente na tipografia da Penitenciária, graças à benevolência do honrado Governador do Paraná dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, a cuja memória reitero, nesta oportunidade, a minha homenagem.

Com essa invocação viso ferir o seguinte ponto: o "Fanal" foi então um precursor do movimento em prol da Federação das Academias de Letras do Brasil, hoje palpitante realidade. Dí-lo a voz mais autorizada desse empreendimento. Propulsor máximo da iniciativa na sua última fase, Afonso Costa, ao abrir a sessão de posse da primeira Diretoria efetiva da Federação, no Rio de Janeiro, a 15 de Janeiro do corrente ano, assim iniciou seu magnífico discurso: "Recordo, prestando minhas homenagens aos seus nomes, os passos de uma tentativa, em 1912, com Soriano de Albuquerque, no Ceará, e José Guaíba, no Paraná, para a edificação de um instituto a cuja sombra viesse a existir e dominar a federação das letras nacionais. Participávamos, os dois e eu, do propósito de levar à deanteira o plano que se nos deparava à altura de melhor corresponder às diretrizes do pensamento brasileiro, por intermédio das letras. A Federação teria sede em Recife, ou na Baía, ou no Rio de Janeiro, donde se irradiaria para os Estados demais, e por estes, entre si, reciprocamente, a orientação para o serviço maior da cultura literária, principalmente.

"Mas os companheiros ficaram no caminho. O destino da vida foi-lhes curto e só eu fiquei, ou presumo ter ficado, porque tenho dúvida sobre se foram eles que permaneceram ou eu que me fui da vida. É bem possível sejam esses dois amigos quem por minha palavra aqui estejam a repetir, por motivo da sessão de hoje — tudo está consumado."

Ora, José Guaíba era o "Fanal", onde se encontra publicada a correspondência trocada sobre o assunto com Soriano de Albuquerque, do Ceará, Levindo Cintra, de Campinas, e Raul Peixoto, do Rio.

A José Guaíba, que encabeçava os nomes dos diretores da Revista, Soriano de Albuquerque escrevia, a 24 de Agosto de 1912, uma carta acusando o recebimento do seu número mais recente e dizia: "O "Fanal" prestou-me um grande serviço, pois aqui no norte quasi não se conhece o movimento intelectual do sul. Muito conviria, talvez, a fundação de associações, verdadeiras federações culturais, compostas de intelectuais do norte e do sul, nos Estados destas duas regiões do Brasil, para divulgação de trabalhos literários e científicos, unificando ao mesmo tempo a nossa atividade mental.

"Isso produzirá aproximação dos Estados da Federação Brasileira sob o ponto de vista intelectual e, certamente, melhores resultados do que essas Academias de Letras criadas em cada Estado com feição puramente baírrista e que nenhum serviço podem prestar às letras, pois não é se associando

que os indivíduos se tornam criadores, mas somente se associando é que podem expandir-se, crescer, progredir...

Estampando essa carta no seu número de Setembro de 1912, o "Fanal" a fazia seguir do seguinte comentário da sua redação: — "As criteriosas palavras contidas nesta carta vieram, por feliz coincidência, relembrar um dos grandes fins de cuja realização mais temos cogitado — tarefa que compete sem dúvida aos esforços da nova geração literária do Brasil — a aproximação intelectual dos brasileiros, o estabelecimento de laços que unam fortemente os espíritos do sul da nossa imensa e formosa pátria, onde (com bastante máguia o verificamos) não se tem ainda bem nítida a ideia de que no concerto internacional só conquistaremos um posto digno de nossos destinos e, na luta pela felicidade humana, só alcançaremos o máximo dos resultados desejados, baseando-nos sobre a união e solidariedade assim moral como física, sobre o trabalho harmônico e a uniformidade de vistas entre os filhos de todas as circunscrições da República, desprezados os mesquinhos e acanhados preconceitos de estreito regionalismo. Acima de tudo está a a grandeza da nossa nacionalidade. É lamentável a ignorância em que vivem, uns a respeito dos outros, os centros literários do país, muitos dos quais notáveis pelas manifestações de sua poderosa mentalidade. Será crível que não se tenham penetrado até agora os patrióticos, de que se torna imprescindível a "divulgação dos trabalhos literários e científicos", "a unificação de nossa atividade mental", a correspondência contínua, a troca de ideias, entre tais centros? Se na esfera elevada e ampla das letras começam os esmagadores desprezões ou antagonismos improdúcentes, que engendram a falta de unidade perfeita, a separação, o desmembramento — que assistiremos então no terreno político? — De alguma parte virá o bom exemplo."

Estava assim lançada no norte e acolhida no sul a ideia, que tomou notável alento no seu impulso inicial, pois outras vozes vieram em seu apoio, sendo de notar a contribuição de Afonso Costa, então presidente da Academia Baiana de Letras. A pedido de José Guaíba elaborou Soriano d'Albuquerque e lhe enviou o plano dos Estatutos da entidade em esboço, os quais foram publicados no "Fanal" sob o título — "*Federação Cultural do Brasil*", com o artº. 1º assim concebido: "*A Federação Cultural do Brasil tem por fim unificar a atividade mental dos brasileiros, facilitando o conhecimento recíproco dos intelectuais do norte e do sul, divulgando trabalhos científicos e literários de cada Estado, em todas as outras circunscrições do país.*"

E como reconhecimento da primazia que ao Paraná coube na aceitação da bela iniciativa, o artº. 5º dispunha: "*A Federação periodicamente instalará Congressos nos Estados, devendo reunir-se o primeiro Congresso no Estado do Paraná, e os seguintes nos Estados que forem designados pela mesa.*"

Rememorei esses fatos, não pela participação que neles tive, mas porque me cabia razão para conhecê-los e porque bem colocam o Paraná mental

e esta Academia ante a realização, só agora consumada, da Federação projetada há 24 anos passados.

Eis porque eu disse de começo que, ao empunhar a pena para este trabalho, tive a percepção das circunstâncias imprevistas que me haviam colocado na situação de membro desta Academia e de orador desta celebração, designado pela intuição do nosso Presidente.

Nem vejo assunto mais interessante do que esse, como subsidio histórico na feitura da obra afinal concluída.

— Comemorando a nossa instalação de há um ano atrás, que mais poderei dizer aos meus pares a respeito da nossa novel companhia?

Afrânio Peixoto conta que um notável acadêmico, Anatole France, observou que os habitantes de certa ilha, perdida no Pacífico, comiam os velhos, ao passo que nós, da civilização do ocidente, fazíamos deles acadêmicos. Constituí isso — anota Afrânio com humor — um abrandamento do canibalismo, porque as academias são mais, são instituições de defesa mútua contra o canibalismo natural das novas gerações.

É depois de se referir à existência de academias em vários países europeus desde o século XVII, pois a Academia Francesa data de 1635, e no Brasil, onde assinála, já em 1724, a Academia Brasileira dos Esquecidos, da Baía, e outras, até a atual Academia Brasileira, acrescenta, no mesmo tom: “Felizmente os seus inimigos de 20 anos são, aos trinta, candidatos e, aos quarenta, acadêmicos... É a vingança das gerações. Em todo o caso, se não fossem as academias, não haveria velhos homens de letras: teriam sido comidos pelos jovens, e às vezes inéditos homens de letras, como na tal ilha do Pacífico. Em vez, porém, de tal canibalismo, a crítica dos jornais amarelos e das revistas “novas”. Antes isso...”

Como se vê, a expressão “velhos”, na linguagem acadêmica, se refere às gerações que vão passando, isto é, deixando de ser “novas”, para cederem o lugar a estas. Já o nosso Emiliano, num soneto da sua maturidade — “Ao cair da tarde”, engastava este belo quarteto:

*Nem rosas, nem luar, nem damas... Não me iludo.  
A mocidade aí vem, que ruga e que protesta,  
Invasora brutal. E a nós que mais nos resta,  
Senão ceder-lhe a espada e o manto de veludo?*

Felizmente hoje corre mundo, como um estímulo ao prosseguimento da atividade do homem, em todos os sentidos, o dito, para nós lisongeiro, de que “a vida começa aos quarenta”...

Na nossa Academia mirim, dentro dos Estatutos da Federação, tomámos por modelo o número de quarenta membros da Academia guassú. Consolemo-nos, porém, com o comentário maledicente sofrido por esta quando da sua fundação, como tendo imitado a sua congénere da França. Mas o grande Joaquim Nabuco deu a merecida resposta que, guardadas as proporções, podemos adotar, dizendo, como ele: “O número de quarenta

era quasi forçado, porque não dizê-lo? tinha a medida do prestigio, êsse quê simbólico das grandes tradições, o cumho do "primi capientis": as proporções justas de qualquer criação humana são sempre as que foram consagradas pelo sucesso. Não tomamos à França todo o sistema decimal? Podíamos bem tomar-lhe o metro académico. Nós somos quarenta, mas não aspiramos a ser os "Quarenta".

A palavra do magnífico autor da "Minha Formação" é a da sabedoria e da experiência. Os seus conceitos nos colocam bem e justificam perfeitamente a conduta dos organizadores do nosso quadro, pelo que não me posso furtar de trasladar para aqui mais êste trecho do seu notável discurso na sessão inaugural: "Não há em nosso grêmio omissão irreparável; a morte encarrega-se de abrir nossa porta com intervalos mais curtos do que o gênio ou o talento toma para produzir qualquer obra de valor. Nós, os primeiros, seremos os únicos académicos que não tiveram mérito em sê-lo, quasi todos entramos por indicação singular, poucos foram eleitos pela Academia ainda incompleta, e nessas escolhas cada um de nós como que teve em vista corrigir a sua elevação isolada, completar a distinção que recebera; só d'ora em diante, depois que a Academia existir, depois de termos uma regra, tradições, emulação, e em tôrno de nós o interêsse, a fiscalização da opinião, a consagração do sucesso, é que a escolha poderá parecer um plebiscito literário. Nós de fato constituímos apenas um primeiro-eleitorado.

"As Academias, como tantas outras coisas, precisam de antiguidade. Uma Academia nova é como uma religião sem mistérios; falta-lhe solenidade. A nossa principal função não poderá ser preenchida sinão muito tempo depois de nós, na terceira ou quarta dinastia dos nossos sucessores."

Agora, meus prezados companheiros, é tocar para a frente, não esmorecer, prestigiar a instituição, elevá-la, impô-la no conceito público. A vida literária no Paraná, apesar de Estado novo, com apenas 84 anos de existência, tem sido assinalada por marcos memoráveis, através de várias gerações. Basta lembrar o movimento simbolista.

Agremiações, são de notar, neste quarto de século, o Centro de Letras do Paraná, ainda hoje existente, e que, em valiosas publicações da sua iniciativa ou sob o seu patrocínio, tem atestado a sua eficiência, e a Academia de Letras do Paraná, de curta, porém, profícua e brilhante duração, à qual esta succedeu para concorrer ao quadro da Federação.

A Federação vem ainda mais fortalecer os laços da unidade espiritual do Brasil, como base primordial da sua unidade política. Pela aliança, pela solidariedade na esfera intelectual das nossas atividades, contribuiremos enormemente para a perpetuação e para a grandeza da pátria comum.

Curitiba, 27-9-37.

## Poema para a que há de vir...

DE SÁ BARRETO

*ELA virá, de manso, assim como se fosse  
um pássaro cansado de voar...*

*E ficará, indecisa, ali, naquela porta,  
como uma grande pluma solta ao vento leve  
e que medrosa mal se atreve  
a vultear  
pelo silêncio de uma tarde morta...*

*Ela virá, de manso, assim como se fosse  
um dolorido adeus crepuscular...*

*Será mais bela do que o sol doirado,  
será mais frágil do que a porcelana,  
mais leve, mais sutil que o próprio vento  
e simbolizará, nessa atitude,  
a suave magnitude,  
o encantamento,  
de uma formosa flôr humana  
emersa sôbre um lago trêmulo, encantado...*

*Ela virá, de manso, assim como se fosse  
alguem que viesse para amar...*

*Mas apesar de tudo, ali, naquela porta,  
mesmo apesar da minha grande espera,  
ela estacionará gelada como uma ave morta  
em plena primavera,  
e não terá coragem para entrar...*

(Do livro inédito: "Cânticos do entardecer")



## O falar

J. F. MANSUR GUERIOS

O benefício, paradoxalmente, pode-se converter em malefício. O falar, por exêmplo, é um dêsses dons inestimáveis com que a Providência nos dotou. Mas falar bem, não é de todos. Resulta que, quem não fala bem, precisa falar muito, e quem muito fala, perde-se. . . . Dai o acêrto do conselho que se ergue: melhor é calar do que falar, pois é aquêlê de oiro e bastas vezes arrependemo-nos de falar, e quasi nunca de calar. A palavra é, na observação açuçada de Talleyrand, o instrumento com que traímos o pensamento; vê-se, na justeza dêsse dito, o quão perigoso é o falar que nos faz dizer muita vez o contrário daquilo que queremos. Vemos assim pôsto em relêvo que no máximo dos sentimentos humanos, quanto mais a sôma das pulsações de um coração atinge o Amor, menos em palavras podemos exprimi-lo. Esse é um conceito de brilhante escritor francês que não disse, já em seu tempo, coisa nova, pois de pristinas éras já a Igreja aconselhava, mor sublime manifestação de amor e piedade, na oração mental, a que enleva a um excelso mutismo de êxtase.

Não é de se estranhar a afirmação corrente de que, numa discussão, o palavreado obscurece, afastando o ponto questionado, deixando os contendores em loquaz luta acêsa mui longe do terreno litigável. Com o menos falar mais se alcança. E quem diz poder exprimir o que sente, ou afirma uma inverdade, ou é um gênio na arte da palavra. Falem com o silêncio pois, aqueles que muito dizer querem; essa é a eloquência de nossos sentimentos que mais profundamente pode calar.

De Esparta nos vem o exêmplo, atreitos que eram os seus habitantes ao estilo lacônico: oprimida pela fome, a ilha de Melos enviára ao govêrno de Esparta deputados que, com ambages, em mui longo e patético discurso pediram auxílio. Foi-lhes respondido: — “Não entendemos o fim de vosso discurso porque nos esquecemos do princípio”. À vista disso mostraram os enviados de Melos um saco de farinha vazio sem ajuntar palavra, e incontinenti ajustaram-se os espartanos em jejuar um dia, enviando a Melos o que assim economizaram.

(Do livro no prélo: “*Mosaicos Marianos*”.)

## À memória de Serapião do Nascimento

RODRIGO JUNIOR

*Ó Mestre de meu Pai, Serapião, nobre vulto  
Que às velhas gerações iluminaste a vida,  
Alto exemplo lhes dando e a norma esclarecida  
Do teu sâber — fanal resplandecente e culto;*

*Praz-me em rima sem côr, mas de ternura unvida,  
Dizer que a Gratidão te rende assíduo culto,  
E que inda em nós por ti — em proclamá-lo exulto —  
Da Saudade reluz a chama inextinguida.*

*Poeta e pobre, subiste um Calvário de dores,  
Mas nunca fraquejou, na pungitiva estrada,  
Teu carácter sem quebra, adamantino e pulcro!*

*Pois que êstes versos maus se transformem em flores  
E caiam como um beijo, em chuva perfumada,  
Sôbre a pedra feral que cobre o teu sepulcro!*

## Impressões da Baía

PEREIRA DE MACEDO

Para nós do sul do Brasil a Baía oferece aspectos inéditos que recreiam os sentidos e confortam a alma pela brasilidade das suas cousas e fatos em que dominam, na plenitude do vigor primitivo, as nossas tradições.

Não descreverei o progresso da Baía que é uma condição natural de tudo o que tem vida e fatal num determinado tempo, como o amadurecimento de um fruto ou o desabrochar de uma flôr e que é igual ao progresso dos demais Estados progressistas do Brasil, com o seu cortejo conhecido de benefícios e a série de males que acompanha a obra civilizadora em toda parte. E' verdade que na Baía os malefícios da civilização não apresentam a mesma agressividade de circunstâncias semelhantes das outras partes, porque há para atenuá-las, na Baía, a força incontrastável das tradições afetivas da alma brasileira.

Direi apenas que a Baía, ao contrário do que erradamente supomos por aqui, não estacionou nas glórias da origem, da independência e da unidade da nossa nacionalidade.

Nas artes, nas letras e na ciência, para só citar os fastos do domínio da inteligência, nas suas mais elevadas expressões, a Baía, precursora e realizadora, prossegue, no presente, a obra vultuosa dos seus antepassados que engrandecem o patrimônio cultural de todo o Brasil.

A Baía evolui e o seu progresso se manifesta em todos os ramos da atividade humana.

Pelo progresso da sua higiene a cidade do Salvador é, presentemente, uma das mais asseadas e sadias do Brasil. Nas ruas principais da cidade alta, por mais de uma vez eu deixei extinguir-se nas pontas dos meus dedos o toco de cigarro, procurando o lugar onde pudesse jogá-lo fóra sem maior escrúpulo.

Na obra de assistência social o que há de mais adeantado no mundo encontra na inteligência e no grande coração baiano o terreno fértil para crescer e frutificar.

Lá estão as suas modelares instituições, algumas originais, como a Pupileira — destinada ao recolhimento de crianças de tódas as idades até 12

anos, abandonadas ou mesmo simplesmente porque careçam de recursos. As crianças de peito são amamentadas pelas próprias mães quando as têm e até às quais se estendem os benefícios da notável instituição cujas instalações primorosas é um prazer percorrer e cujo maternal funcionamento é um finíssimo regalo espiritual assistir. A Maternidade, cujo velho prédio tem sofrido sensíveis modificações na construção de novos e confortáveis pavilhões, é outra instituição benemérita pelos serviços que presta à população menos favorecida. As escolas profissionais de menores, o magnífico Hospital de Pronto Socorro, obra recente, em vias de conclusão e que reflete na grandeza e nos cuidados técnicos da sua construção uma ampla visão do futuro. Do alto do seu imponente edifício, até onde fui levado pela gentileza do ilustre professor da Faculdade de Medicina Dr. Lafaiete Coutinho, eu tive ocasião de admirar a vista panorâmica da cidade do Salvador quasi toda encoberta pela vegetação luxuriante das suas frondosas mangueiras, sapatieiros, cajaciros, coqueiros, genipapeiros e uma infinidade de outras árvores frutíferas de porte igualmente majestoso; a sua baía imensa, as suas ilhas, golfos e enseadas, as suas praias, o oceano cujo azul se confunde com o azul do céu e, do fundo do qual resalta a brancura das velas de inúmeras pequenas embarcações de pesca. O Instituto dos cegos, os diversos hospitais, o asilo de Velhice que eu não vi mas cuja existência eu senti pela falta de mendigos nas ruas.

Já alguém comparou a Baía a uma joia em que a tradição está engastada no progresso. De fato. O que caracteriza a Baía, o que ela tem de mais precioso e original é a tradição dos seus quatro séculos de esforço para a criação e consolidação da alma de um povo e que lá vivem, tradição e alma, no esplendor das igrejas, nas lendas dos velhos solares, na história dos monumentos, na lembrança dos feitos heróicos, tudo sublimado na glória da bondade infinita da sua gente atual e na capacidade realizadora de um povo que caminha para o futuro escorado nas forças morais do passado.

Edificadas no dorso e nas fraldas de uma montanha, a baixa e a alta cidade comunicam-se por meio de extensas e tortuosas ladeiras e também, do lado do porto, por meio de vários planos inclinados e elevadores, entre os quais, o principal — Elevador Lacerda é como uma ponte que liga o passado glorioso e o presente fecundo e promissor. Como tudo na Baía, o Elevador Lacerda, tem a sua história nos sacrifícios de uns e proveitos de outros, na ousadia dos antigos ao cavar na pedra dura de coração de negro o poço que do cimo deu acesso fácil ao meio da encosta e na inteligência que concebeu a realização completa da arrojada obra, grandiosa e original, que honra o espírito de iniciativa do povo baiano.

Cheguei à Baía na manhã radiosa de um domingo de Abril. Ao transpôr o jardim da magnífica vivenda da rua da Vitória onde fui acomodado, encontrei-me com o ilustre escritor mineiro, Anibal Matos que, como eu, havia ido a Baía para fazer parte da Conferência Rotária a iniciar-se nesse dia. Alma sensível às cousas que dizem respeito à arte antiga e à história do Brasil, Anibal Matos muito me ajudou a ver as lindas cousas da Baía, e nem bem chegados, iniciamos a peregrinação, visitando a Fortaleza da Barra, também chamada do Padrão porque nesse lugar os portugueses haviam fincado um marco de posse e construíram o imponente forte que hoje serve de habitação coletiva e constituiu a base em que assenta a torre do faról da Barra. A fortaleza do Padrão está na ponta de uma suave colina que mergulha no mar, entre o oceano e a baía de Todos os Santos, local magnífico para um museu colonial que poderia ser iniciado, desde logo, com a recolocação nas suas espessas muralhas e torreões, dos 8 canhões que eu vi enterrados na areia da praia próximo da fortaleza onde deveria ser recolhido o material abundante dos tempos coloniais que existe mais ou menos em abandono ou nas mãos de particulares.

Segundo a mesma trajetória dos antigos conquistadores cuja primeira preocupação era a construção de fortificações para a defesa da posse das terras descobertas, e a segunda, a elevação do templo para os atos de fé religiosa, da Fortaleza da Barra fomos à Basilica do Salvador, nessa conquista de suaves emoções que trouxeram a nossa alma suspensa durante todo o tempo da nossa curta permanência na Baía.

A Basilica do Salvador é o antigo templo dos jesuítas construído em 1570. É um templo ao mesmo tempo grandioso e sóbrio que se ergue ao lado do velho edifício da Faculdade de Medicina, com a fachada de cantaria, na praça outrora denominada Terreiro de Jesús, onde se encontram, também, as igrejas de S. Domingos e S. Francisco de Assis. A Basilica do Salvador guarda entre outros despojos ilustres, os ossos de Mem de Sá e do Padre Vieira e bem assim a cela e a cadeira deste grande pregador e mestre ainda atual da língua português. A nave da igreja é espaçosa e solene. As suas paredes e arcadas estão cheias de trabalhos de arte e o teto é simplesmente suntuoso, na exuberância dos relêvos. O altar mór, bem como os altares laterais são riquíssimos em relêvo e telas de valor, como uma muito grande e vistosa que cobre o trono do altar, dividida em duas partes que se afastam para os lados. Na parte superior do altar mór encontra-se uma pequena tela em lamina de vidro representando a Virgem Santíssima, obra atribuída ou antes, uma das raras cópias de um quadro de S. Lucas que viveu nos meados do primeiro século, igual a outra existente no Vaticano. Este quadro era uma relíquia do Padre Inácio de Azevedo e foi tirada dos seus braços, com respingos de sangue do referido padre morto a lançadas, com outros companheiros, quando voltava do Brasil para a Europa à bordo da náu Santiago que fôra atacada por 5 navios franceses. A pintura do quadro da Virgem por S. Lucas é do domínio da lenda, mas

o fato do quadro da Catedral da Baía estar ligado a esta lenda e de haver sido colhido nas circunstâncias acima aludidas, torna-o uma relíquia preciosa que enriquece extraordinariamente o patrimônio artístico do Brasil. Na sacristia, que é um amplo salão quadrangular, encontram-se nas paredes, numerosas telas relativas ao velho testamento e outros motivos religiosos. No teto numerosos retratos de jesuitas notáveis, entre os quais o do Padre Inácio de Azevedo e o do Padre Anchieta, no meio de vinhetas inspiradas na fauna e na flora brasileira, devidos ao pincél de artista desconhecidos. Existem aí duas grandes cômodas de jacarandá ricamente entalhadas e incrustadas de tartaruga e marfim e em cujos espaldares se alinham 16 quadros notáveis sobre lâma de cobre inspirados em motivos do novo testamento. No andar superior, no salão da antiga bibliotéca dos jesuitas, o ilustrado conego Odilon Moreira de Freitas está organizando, com muito desvelo, um precioso museu religioso que conta já com peças de alto valor, como o altar, todo de prata macissa, entre as quais a de N. S. das Maravilhas, ligada por um milagre célebre à vida do Padre Vieira. A pintura do teto é considerada como uma das mais belas do mundo.

\* \* \*

Como o meu primeiro dia da Baía foi um domingo, aproveitei a ausência do movimento comercial das suas principais ruas para admirar as suas edificações quasi tôdas antigas, entremeadas de algumas construções novas, que guardam, felizmente, para a estética da cidade as linhas do estilo colonial, com raras excepções, aliás chocantes, de um ou outro projéto de aranha céu.

Nesse mesmo dia entrei em contacto com a alta sociedade baiana, numa agradável reunião efetuada no edificio do Círculo Italiano, na praça da Aclamação. Já tinha observado ligeiramente o solar em que fui recolhido na rua da Vitória. Grande casarão no centro de um jardim pomar cheio de árvores frutíferas de porte majestoso. O edificio do Círculo Italiano é também um solar antigo construído para o conforto doméstico e também no centro de um jardim que é uma floresta exuberante de árvores frutíferas. Fui tendo a sensação que a observação dos vários dias da minha estadia na cidade do Salvador confirmou de que na Baía não cresce árvore sem frutos.

Eu supunha encontrar na Baía uma população escura com o aspecto desagradável dos habitantes da marinha, empalamada pela maleita e pela verminose. Pois foi o contrário. A impressão que a gente da Baía oferece é a de um povo sadio e vigoroso, o que quer dizer, magnífica disposição e beleza física.

Foi entardecendo e eu deixei-me ficar pelas praças bem cuidadas da cidade alta, as quais nos dias festivos se engalanam de bandos gárrulos de moças em que predomina o tipo moreno, desde a morena côr de carvão até a morena loura de olhos verdes, moças lindas, cheias de graça, frescura e vigor. Eu tinha convicção muito firme de que em parte alguma do Brasil existiam moças mais bonitas do que as de Curitiba. Fui perder essa pretensão bairrista na Baía. Não digo que as baianas sejam mais bonitas do que as nossas lindíssimas curitibanas. Direi apenas como Pero Lopes de Souza, em seu diário de navegação ao descrever os primitivos habitantes da Baía "as mulheres mui formosas, que nam ham nenhúa inveja às da rua Nova de Lixboa". As moças da Baía "nam ham nenhúa inveja", nas paradas de belezas, às da rua quinze de Curitiba.

(*Continúa*)

## Delfrio retrospectivo

*Suavíssima luz.  
Veludo e arminho...*

*Eu fui criança,  
flôr em botão,  
sêr em botão,  
crisálida de' um homem.*

*E os homens em pequenos são felizes...*

*Aproximam-se dos outros sêres da natureza,  
participam da candura das flôres,  
da limpidez das pedras preciosas,  
minérias cristalizações.  
Possuem a inocência das aves domésticas,  
dos animais pacíficos e bons,  
que têm dedicações instintivas.*

*Fui criança.  
Amei sem saber, sem compreender porque amava:  
inconscientemente...  
Mas com devoção, com carinho,  
com tôdas as fôrças iniciais do meu  
coração.*

*E o objêto de minha paixão inconsciente  
era minha MãE.  
Eu era um pequenino animal que só compreendia a vida  
pelo instinto  
através dos olhos d'ELA,  
do som de sua voz,  
do calor dos seus lábios.  
E quando os meus olhos se abriram*



*às primeiras indagações da existência;  
quando os fios misteriosos do raciocínio  
princípios a alinhar a combraia  
de minha inútil consciência,  
já encontrei  
nas rudimentares células do meu cérebro,  
o glorioso germe desse AMOR,  
que minha MÃE cultivou  
com o leite dos seus seios  
nas raízes do meu instinto  
de pequeno animal destruidor.*

*E continuei anando minha MÃE  
por egoísmo inato,  
por fraqueza,  
porque sentia que Ela  
seria capaz de me dar  
o único bocado de pão que possuísse,  
embóra a fome lhe trouxesse a morte:  
porque sabia que Ela me defenderia  
— de todos e de tudo —  
mesmo que viesse a perecer nessa defêsa.*

*E porque achava sabôr nos beijos que me dava.  
Tinha a convicção de estar protegido  
e ser inatacável,  
intangível.*

*As MÃES são também broquéis.*

.....  
*Assim decorreu minha infância.*

*Dias de sol.  
Relva macia e verdejante.  
Correrias pelos prados em companhia de outras crianças,  
bando de pardais.  
Algaravia, discórdias, risos a êsmo,  
rusgas, choros,  
que as mães desvaneciam.*

*— Vamos brincar de casamento!*

(O amor a exercitar-se naqueles pequeninos  
corações perversos...)

Tangiam sinos.  
Ave Maria...

Leito sôfo e um sono socegado,  
sono inocente,  
cálmo e profundo  
sem os pesadelos do homem feito  
e afeito à ideia fixa do crime  
ou de coveiro das próprias ilusões.  
Sono dos Anjos.

(No entrecerrar dos cílios via uma Santa a beijar-me.  
alisando-me os cabelos... Era minha MÃE.)

Eu fui criança assim.

Um dia  
bateu a doença à minha porta mal decerrada ainda  
para as torturas da vida.  
Enfermei.  
E que amarga tristeza espalmou as negras asas  
dentro do meu Lar!  
Transformação.

Minha MÃE já não cantava,  
Alma penada,  
fitava-me, rosto em lágrimas; e curvando-se  
receosa,  
opressa,  
tomava-me a temperatura  
colando os lábios seus à minha fronte  
escaldante.

— Venha o médico!  
Doutor, que é que êle tem?  
É grave?  
Está com febre?  
— Salve-o, por Deus!

E minha MÃE estrangulava  
nos seios que foram a fonte de minha vida,  
alucinados soluços de asflicção

*provocados pelo temor de perder-me.  
 De perder o seu filhinho,  
 aquela criança loura, tão bela,  
 tão travessa e feliz nos seus dias de folguedo.  
 E vinham-lhe à mente  
 os sapatinhos novos — que estavam quiétiños  
 na gaveta do guarda-roupa, à espera do domingo,  
 dia em que eu os calçaria  
 para ir à missa;  
 e a roupinha de homem ainda não vestida  
 e o bonézinho azul à marinheira...  
 Se êle morre! Se êle morre;*

*(Se eu morresse — minha MÃE poderia vestir-me com  
 aquelas roupinhas tôdas. Ficaria bem bonito o meu  
 pequeno cadáver. E eu não estaria agora aquí.)*

*Mas...  
 Soluços abençoados  
 os que entumecem  
 os peitos das mães-  
 quando os filhos estão enfêrmos,  
 quando  
 os doutores  
 circunspectos,  
 graves,  
 impenetráveis como a Esfinge do Deserto,  
 curvam-se sôbre os leitos dos pobres pequeninos...*

*Oh! mihi MÃE,  
 que bom seria  
 se a tua criança então morresse.  
 Quantas dôres poupadas,  
 quantas lágrimas não vertidas,  
 quantas ilusões em ser!*

*Eu venci o mal.  
 Curei-me.*

*E tu morreste.*

*Se ainda me tivesse levado para o além...*

*Mas naquele tempo  
 enorme foi a tua alegria,*

*sagrado o teu contentamento  
— ao me saberes fóra de perigo.  
Tão grande foi a tua ventura,  
tão pura e tão divina,  
que parecia — bom Deus!  
haveres tu, minha MÃE,  
me dado à luz outra vez.*

*O sol te pareceu mais vivo,  
o céu mais belo,  
as árvores e as flôres tiveram  
aos teus olhos maravilhados,  
mais veludoso matiz.*

*Ergueste as mãos:*

*— Obrigada, meu Deus, por me haveres restituído  
êste filhinho!*

*MÃE, minha MÃE,*

*Deus, comovido pelo teu desespero,  
restitui-te a criança  
que Ele, na sua infinita misericórdia,  
queria matar  
para isentá-la  
da irremediável desgraça de ser homem...*

J. CADILHE

(Do livro "DELIRIUM TREMENS").

## Discurso pronunciado pelo academico Flavio Guimarães no Senado Federal, no dia 5 de junho de 1937.

O Brasil é, de todos os agrupamentos humanos civilizados, o que sofre maior instabilidade de idéias ou princípios. E' de ontem a libertação dos escravos e ainda não se diluiu, de todo, o senhor e a senzala. Materialmente desapareceram, mas o traço vivo ficou na alma de seus descendentes. A libertação política não se emancipou da libertação econômica. Não houve ainda tempo suficiente para a nacionalidade formar o arcabouço moral unificado de suas aspirações coletivas, em torno das quais girasse a fé de seu povo. Nenhum dos grandes problemas vitais, da vida externa, ferro, carvão, penetrou na massa popular. Os que a eles se dedicaram são impressionantes exceções.

A vida do país gira em torno de aspirações obscuras, ou de realizações imprecisas, num tumulto de paixões, de rara ausência de ligação lógica em seus quadros políticos fundamentais. Em tudo a instabilidade de idéias, gerada pela instabilidade de sangue.

As nacionalidades da Europa ou da Ásia, ou as raças que as povoam, guardam relativa estabilidade moral no sentido de ritmo mais ou menos uniforme de idéias, que os séculos e a educação foram amalgamando na alma das gerações. Entre nós, no conflito de sangue, de mesclas raciais e nacionalidades, procedentes da Europa, da Ásia, da África, ainda não houvera tido tempo de estabilizar determinado padrão de aspirações coletivas no sentido de estabilizar o caracter, em torno de um agrupamento de idéias morais. Não temos aristocracia, no sentido limpo da expressão, isto é, classe mentora, que forma o escol diretivo, e que, por um conjunto moralizante de exemplos de trabalho, de ordem, de guarda continuada de tradições, de reiterado estudo das condições de vida de seu agrupamento, pudesse impôr-se espiritualmente. E' natural que, na ausência de forças espirituais diretivas, todos se voltem para o govêrno, como soberana unidade

guiadora dos destinos nacionais. No terreno político, a onda movediça seria pasmosamente arripiante, se não fôra natural aos olhos de quem lhe sonde as causas. E' provável mesmo que em meio dessas contradições haja um obscuro e ilógico fundo de equilíbrio. Se não, vejamos: há um dado momento em que os ódios prosequem violentos, irredutíveis e os ressentimentos dão a impressão de que são incuráveis, com as feridas abertas, que não se compreenderia senão continuidade de sentimentos que embebessem a transfusão vingadora, na alma das gerações adolescentes, e completassem em sucessivas etapas, o designio sagrado. Mas, pela mesma inconstância de ideias centrais, em um minuto tudo se dilui, e amigos, inimigos, acusados e acusadores, através de um maravilhoso palpitante de fraternidade, empunham o mesmo estandarte e juntos morreriam, até mesmo em gestos de heroísmos e de bravura.

E' que nos agrupamentos longamente estabilizados é a lógica racional dos condutores que mantem o interesse geral orientador da política, e, entre nós, é o jogo das paixões que forma a incoerência dos atos.

### PEQUENOS E GRANDES ESTADOS

Que conceito poderíamos dar a um pensamento generalizado de grandes e pequenos Estados? Provavelmente, o traço diferencial deve residir na densidade da população. Mas, comparados com qualquer nação organizada, são formidáveis desertos. E são eles os exclusivos orientadores da política nacional. O restante do Brasil continúa impenetrável à qualquer aspiração de guia, nos destinos nacionais. Está sempre à margem, a solicitar as migalhas que as circunstâncias momentâneas não lhes neguem. A candidatura do senhor José Américo forçosamente modificará o aspecto do quadro político nacional, certamente não irá tratar com igualdade casos desiguais, mas impregnar de maior cunho de equidade as justas aspirações dos Estados de população menos densa. Há pouco tempo, pleiteávamos, como pleiteamos, a federalização da Universidade do Paraná, afim de que o seu grande instituto de ensino, ficasse inteiramente livre das influências políticas locais. O argumento era de que a Constituição houvera deixado aos Estados, a livre administração do ensino superior, num gesto inconsciente de empurrar o Brasil para a separação. Em vez de unidade orgânica na preparação do escol social, de modo que se disciplinem culturas a serviço do Brasil, deixa-se a mocidade entregue a todos os preconceitos de indole regionalista. No entanto, o obstáculo constitucional, que é puramente illusório, não foi impedimento para que outros Estados obtivessem idéntica medida, cuja realização só temos a louvar, com demorados aplausos.

A riqueza dos grandes Estados não deixa de ser também uma fantasia. Ninguém poderia julgar que os Estados cafeeiros, inclusive o Paraná, tivessem de presenciar a queima de mais de quarenta milhões de sacos de café para lhe sustentar a economia, como coluna principal de riqueza. E

muito menos entra em computo de fator sereno, a dívida externa, superior a vinte milhões de contos de réis, ao câmbio atual, que fôra aplicada em grande parte para proteger a grande riqueza, que é sacrifício de todo o Brasil.

### O PROPALADO SEPARATISMO PAULISTA

São Paulo somente poderá ser analisado pelo seu conjunto, pelo valor do seu passado, e pelas contínuas afirmações de sua energia.

Buscar conclusões definitivas, em fenômenos de revolta aparente, ou mais ou menos superficiais, seria emprestar à coletividade intuições que estão fóra de sua alçada, no tocante ao propalado separatismo. É verdade que a sua literatura tem sido pródiga, em pronunciamento de mentalidades que alteiam o problema, com a mesma facilidade ou displicência de quem escreve um romance ou um poema.

Vejamos os mais interessantes devaneios literários, encontrados em um livro de um professor paulista:

“São Paulo precisa recompor os seus quadros e ser-lhe entregue o norte do Paraná, como terras que foram suas.”

Ele quer, apenas, o norte! A região de terras assombrosas para onde se deslocará a hegemonia econômica do Brasil, dentro de meio século, deveria retornar a São Paulo. Há outro mais preciso, mais eloquente, em que as mentalidades agrestes e impulsivas traçam com precisão maior: “Nós queremos, do Paraná, apenas o norte”.

Mais de uma vez aflora a mentalidade livresca e ingênua. O que ela quer é apenas uma das maiores dádivas que a natureza deu ao Brasil; o que ela quer é, apenas, o ótimo. Quando à outra parte, que é dura do homem viver, na labuta desesperada com a terra pobre, com a geadas que cresta o pastos dos rebanhos, a incerteza das colheitas pelas irregularidades atmosféricas, de árdua labuta e escasso rendimento econômico, não há nenhuma preocupação nem, ao menos, como conforto moral. Mas a técnica transformará os campos paranaenses, em searas de rendimento econômico, pela adaptação biológica de gramíneas que resistam à geadas, no grande desenvolvimento de sua pecuária. Então, as culturas literárias com a mentalidade do lenhador, suspenderão o machado que tanto golpeia as sensibilidades morais dos filhos de outros Estados, onde a conquista do pão representa o esforço de caracteres de aço, na luta desesperada do meio ambiente. E a leitura desses escritos embebidos de falsa superioridade, trazem à lembrança as saudades que despertam a verdadeira mentalidade paulista, onde a sua gente e o brilho de sua cultura alargavam o conceito jurídico e econômico do Brasil em uma esplêndida unidade. É essa brava gente que fez São Paulo e auxiliou a fazer o Brasil, ensinava aos filhos

de outros Estados, que os preconceitos étnicos morriam todos nas fronteiras dessa maravilha geográfica, que se chama Brasil. E no campo fértil de cultura da terra paulista, dividiam-se, com os filhos de outros Estados, toda a opulência, que as suas terras ostentavam e todo o sofrimento que os seus dias sombrios assinalavam nas tremendas batalhas de ordem econômica, ou cívica, por que tem passado.

Felizmente, ela está viva, palpitante, claramente mentalizada, com os olhos agudos em demorada visão, nos aspectos internacionais em que se verá o Brasil "arrolado", não como possibilidade longínqua, mas provavelmente a contemplar o disparate de novas normas jurídicas interacionais, em torno do problema dos espaços vazios. Através desses rumores inquietos que de São Paulo nos vinham é que nos fôra dado conhecer o eminente senhor Armando Sales, que se nos revelava conhecedor do problema dos espaços vazios e a pugnar pela unidade brasileira.

E assim, de passagem, deixamos consignado o gesto elegante do ex-governador de São Paulo, que nem de leve aludiu ao interesse pessoal de sua candidatura, sabedor que éramos solidários com um governo e um partido, que apoiavam e apoiam o grande presidente, senhor Getúlio Vargas.

Falar, em separatismo, nesta hora, em que na Alemanha renasce o instinto guerreiro e a palavra de Hitler é persuasiva em torno das colônias que foram arrebatadas da Alemanha, em consequência de sua derrota e a Itália conquista a golpes de espada as terras quentes da abissínia, é buscar o suicídio lento dos Estados e conseqüentemente a morte do Brasil. Ludwig, em colóquios com Mussolini, traz a frase sincera e rápida do Duce: "Temos necessidade de espaço, como os outros, e onde houver, iremos buscar.

A Inglaterra aumenta pasmosamente a sua frota naval para a defesa de mais de trinta milhões de quilômetros quadrados de terra e o Japão grita terrivelmente: espaço, espaço e espaço. Mas o brasileiro, não. Está farto, superenjoado, enfarradíssimo de terras. O que o mundo irá buscar, onde houver, com a ponta de seus canhões, custe o que custar, o brasileiro quer dividir-se, estrangular-se para morrer. É a volúpia da incapacidade de quem é feliz, que vê, mas não sente as torturas e os sofrimentos inauditos das pátrias estranhas. Quer buscar a vertigem do vácuo para se extinguir, como um sonhador impenitente, que está saturado de um esquisito e atávico romantismo.

Há Estados no Brasil, que são fornalhas incandescentes, em continuadas renovações, que se tonificam de complexos e sutis interesses internacionais. Mas o brasileiro não vê, não quer vê. Está entregue à toda espécie de devaneio, em torno da politiquice diária.

O sr. Maciel Filho, em um curioso trabalho publicado no "O Imparcial", estuda as consequências ideológicas da constituição de 1891 e tem, entre outras, esta aguda observação: "a partir desse momento, de fato, o



Brasil desaparece da história" e "tem início a guerra surda e tenaz contra todas as instituições nacionais, contra tudo o que significa unidade, contra tudo que possa ser um laço para o estreitamento das unidades federadas".

\* \* \*

A candidatura de um filho da Paraíba viera-nos, como uma bandeira e uma esperança. Esse alvoroço de satisfação que inunda a alma, tecida de fios invisíveis de apreensões e sustos, aquieta a impetuosidade da ideia de um Brasil dividido, cujo resultado amargo seria o domínio do estrangeiro. Se ainda inteiramente nos pertence é porque o fantasma da guerra mundial não deixa tempo ao esforço de longas e pacientes infiltrações lentas, mas metodicamente feitas e tem, como epílogo, os atos militares.

E' candidatura que viera de um pequeno Estado, onde a modéstia serena dos que trabalham pelo Brasil guarda as virtudes romanas dos costumes tranquilos e a têmpera de ferro para vencer a natureza, que é hostilidade aberta ao domínio e esforço do homem.

Não pode haver desalento para os habitantes das terras de fraco rendimento econômico: os Estados Unidos fizeram surgir dos areais e dos lageados, terras fecundas e magníficas colheitas, que a ciência do homem cada dia transforma e impulsiona. A Dinamarca, com as suas "marnas barrentas e superfície arenosa" transformou completamente a ingratidão do solo e exporta, mais que o Brasil, produtos derivados da terra. Se, ao menos, confessassemos os nossos desacertos econômicos, a nossa histórica sede de aventuras, na ânsia de enriquecer rapidamente, ainda poderíamos confiar em modificações na estrutura individual do brasileiro. Mas não acontecerá. A nossa vaidade tem um alto sentido: uma mobilidade desesperada de egoísmo formada na trama hereditária, que o sonho de aventuras conduzirá o homem culto através de muitas gerações, para estabilizar nitidamente a formação definitiva do tipo brasileiro.

De todo o panorama social desta hora, tudo demonstra que a candidatura do senhor José Américo é bandeira que acolhe, com sabedoria e carinho, as vitais necessidades do povo brasileiro.

## Encantos sonoros

De CIRO SILVA

(Inédito)

*Hora de pôr do sol. Hora silenciosa,  
hora feita de paz e de perfumes no ar.  
Vem apenas de longe, assim toda medrosa,  
uma rêsiea de luz, de luz crepuscular...*

*O cenário é tranqüilo, é duma doce calma...  
Meia luz indecisa, um pouco de ilusão.  
É do silêncio, pois, que se alimenta a alma  
e que nasce, tranqüila, a estrêla da emoção.*

*Nem um rumor da vida intensa da cidade  
o socêgo em que estou, tem vindo perturbar.  
É como é bom viver lembrando uma saúde  
e ter no coração um pranto pra chorar!...*

*Eleva-se meu sêr agora, numa prece,  
num encanto que o torna todo iluminado.  
É um piano que toca. Escuto-o. Resplandece  
minha alma ouvindo, ao longe, o piano encantador.*

*Há cascatas de sons e tantas harmonias  
enchendo de beleza o coração da gente.  
E que doce passar estas horas sombrias,  
iluminadas, porém, à hora do poente!*

*Iluminadas assim! Acórdes de violino  
que me fazem sonhar um sonho embriagador,  
lembrando aquele tempo em que era pequenino,  
em que a vida era um beijo a rebentar em flôr!*

*O violino soluça e canta e geme e chora!...  
Tem revoltas do mar e ondulações suaves...  
A serena quietude em que desponta a aurora  
entre raios de sol e do cantar das aves.*

*E na doce emoção desta ventura enorme,  
esquecido de tudo, esquecido de mim,  
a minh'alma feliz tranquilamente dorme  
êsse sono tão bom que não conhece fim!*

*É que a música tem o poder sobrehumano  
de amainar, com-doçura, o mais negro destino,  
seja na ondulação serena dum piano  
ou no grito febril das cordas dum violino!*

---

## Orgulho humano

— B. NICOLAU DOS SANTOS —

Dias angustiosos de temores e aflições ensombram, nos tempos atuais, para a humanidade anelante de paz, os roteiros da vida.

Zunem os maus ventos das paixões, dos interesses e das ambições desmedidas.

Vagas sôbre vagas de loucura correntia, soprada por fúrias infernais, investem para os contrafortes da sã razão; tentam derruí-la e fazer sossobrar o mundo em imensa tragédia. O homem orgulhoso de seu livre arbítrio, por lhe ser facultado poder conduzir-se, não vê mais a razão de sua própria existência; esqueceu o senso íntimo das causas; derogou as leis que deviam reger a sua conduta moral pelo valor inestimável do mundo espiritual de que participa. Ignora ou não aceita as causas divinas de seu mesmo castigo. Crê apenas em sua inteligência e no poder das forças físico-químicas da natureza para, dominando-as, exercer audaciosamente o seu reinado autocrático; rasgar preceitos; anular direitos; impor condições.

O sentido cristão de humanidade vinculado na idéia de seu Criador, foi esquecido e rotos ou violados foram todos os mandamentos de seus deveres morais e religiosos. Não mais conteve desejos, nem ocultou as manifestações de reviver o antigo mundo pagão com todo o seu séquito de crueldades, ignomínias e corrupções.

Retomam-se, por isso, as curvas de volta ao primitivo estado de senhores e escravos, patrícios e párias. Esmagam-se os fracos e os miseráveis retalhos de gente, enquanto se banqueteam os áulicos favoritos. Espouca a champagne nas orgias noturnas; rios de energias da terra e do trabalho humano correm e afluem em torrentes, para as roletas e mesas de luxo dos cassinos. Os vícios degradantes não mais se mascaram por hediondez de sua lepra e contágio — ostentam despudoradamente nus, com espetaculosidades artísticas, a sua ditadura, na tela, nos teatros e até em aristocráticos salões. A virtude — ranço do passado cristão — é escorchada; esconde-se nas mansardas dos pobretões moralistas, incapazes de especulações vultosas dos involuidos estanques a séculos mofentos. No moder-

no conceito pagão, a honra tornou-se mera palavra de efeito que se dilui em moedas; o indivíduo e as vidas, simples veículos do interesse próprio e para os interesses alheios:

Processa-se, então, a todo momento a inversão de valores políticos, sociais, morais e intelectuais pela conversão de valores bancários.

Essa, a hora do perigo, das angústias e aflições.

A *áurea fames* invade e percorre a face da Terra, em nome do direito de vida, arrasando com o fogo das metralhas, com a asfixia dos gazes mortíferos, o que séculos de vida edificaram e respeitaram pela sagração do mesmo direito de viver.

Essa, a hora do ódio, das vinganças, das ambições.

Ao trono e em nome da Justiça se assentam o esbulho, o latrocínio, a má fé, a falsidade, o crime, a traição e a hipocrisia, amparadas na lei e ornamentadas com as túnicas de benemerência, do merecimento, do heroísmo para veneração ao culto impositivo dos deuses imortais do novo Olimpo sobre posto à desprezível condição dos miseros terrenos e humanos viventes. Deus não mais existe ou afasta a sua face horrorizante e arrependido, como nos prenúncios do antigo dilúvio, de haver criado o homem que o repeliu. Deixa-o entregue a seu próprio destino, às suas próprias paixões.

Dias angustiosos de temores e aflições precederam também para Jacob, a destruição das Pentápolis. Jacob revive agora no pensamento cristão. Quando lhe revelaram os dois emissários angélicos, os motivos do mandado divino sobre as cidades malditas, o seu pensamento, em crescendo, forçou-lhe a perguntas. Indagou primeiramente se Deus poderia revogar a sentença expiatória? Obtida a certeza afirmativa, secundou a sucessão de casos, se nela ainda vivessem 100, 50, 20, 10, 5 e... se lhe esgotou, aí, o mínimo numérico pelo temor da inexistência de *justos* temendo envolvidos entre réprobos, os de seu sangue, Lot e sua família.

Hoje trabalham, noite e dia, sapadores do mal, minando os fundamentos seculares de sagrados convênios.

Fende-se, mais a mais, aluída, a cúpula protetora do direito para salvaguarda da vida em comum.

Aos golpes dos alviões, às batidas chocantes de martelos de aço, em ação dirigida, alia-se o vozerio do caos, da confusão, do terror dos que serão fatalmente esmagados, asfixiados, queimados vivos. O caos se completa por uma outra parte indiferente que joga ou se entretém em concursos de arte e beleza, e canta nas ruas, e invade lares, pelo rádio, com chatices burlescas, em saracoteios de carnaval.

A diplomacia do mundo comove-se e socorre a trinta mil vítimas dum terremoto enquanto prepara o massacre de dez milhões de inocentes em holocausto às nações mais fortes e mais bem municadas. A carga explosiva está já encravada às entranhas da terra e marcada a hora fatal pelos condutores do séquito dos que só vêem e crêem no poder dos canhões, no

mito das raças superiores ao reinado da terra liberta do fantasma do senhor dos mundos.

Horas de indecisões para a decisão do supremo sacrifício.

A figura histórica de Átila — o flagélo de Deus — transparece ao cenário de trágico esplendor.

Um homem extraordinariamente humano evoca as súplicas das mães, das esposas, dos pequenos inocentes e de todos os ignorantes do alto conselho de Átila e, chicoteado, incriminado de covardia, sai e vai enfrentá-lo, não em nome de poderosa nação, mas da humanidade sofredora.

Martir voluntário, encarna, nêsse momento decisivo, a figura de Jacob a indagar, a procurar deter o gesto dos executores da cólera divina. Que representa um *eu* sacrificado, ante milhares de súplicas de paz à visão dos horrores da guerra? Que valem algumas geiras da terra, em troca de milhões de vidas destruídas?

Contra o orgulho próprio, a humildade, se atras estiver escudada na força divina capaz de abater de um só golpe o orgulho dos maus.

Cumprida a missão pelos sacrifícios exigidos, o resto pertence a Deus resolver. Exigir, demais humildade ou demais sacrifícios é esgotar a bondade e desafiar ao próprio Deus. E se Deus que respeita a vontade do homem não evita o cartel, também não falta ao combate ao lado do sacrificado pelos humildes que, podendo possuir-se de orgulho, ainda se curva dizendo — seja feita, não a minha, mas a tua vontade.

Sacrifício heróico, profundo, inacreditável, que os cegos não vêem e os que vêem não compreendem.

## Invectiva do Sêr

### I

*E' mentirã o que eu penso... A minh'alma condensa,  
Nã o que concebi, mas tudo que eu supõho,  
Mas o que fica além dessa neblina densa,  
Da mentira imortal, que é a verdade do sonho!*

*A descrença é maior do que tudo, e a descrença  
E' a perfeição e a ela o meu sêr antepõho...  
A glória é linda, o sonho é lindo, a vida é imensa,  
Mas a minha ambição é um abismo medonho!*

*Ora é o sonho a correr nas minhas veias loucas,  
O instinto a me falar de beijos e de bõcas,  
Como se houvera alguém concretizando o instinto!...*

*E a mentira é abstrata, oh! a mentira da vida!  
Abstrato é o amor e a criação suicida,  
E o que existe eu não vejo, e o que vive eu não sinto!...*

### II

*Abra-se o livro, emfim, de toda a sapiência,  
Onde fala Platão e predica Jesus  
E o mistério da vida intimida a Ciência  
E a um sôpro bruxoleia essa pouca de luz...*

*Bendita seja, pois, a humana inconsciência,  
Que não sabe auscultar porque nunca deduz:  
De que serve indagar pela opaca inclemência  
Do Ignoto? O que existe é o que não nos seduz...*

*Pois que venceste tu, Newton, da última Física?  
E, Pythagoras, tu... Minha esperança física  
E min'alma morrer hão de, acaso, contigo?*

*E eu bendigo, então, só porque ignoro tudo,  
E para interrogar eu tenho o lábio mudo...  
Carne, eu não passarei além do meu jazigo!...*

ALCEU CHICHORRO



## Decadência do esperanto

Vai para mais de cinco decênios que o médico russo Lázaro Zamenhoff inventou (1887) a língua sintética conhecida pelo nome de "Esperanto", de *esperar*, pseudônimo que usava nas produções de sua lavra.

Pelo reduzido número de leis gramaticais — deseseis ao tódo — e fonética correspondente à escrita, Zamenhoff julgou, ao lançar sua novidade à rosa dos ventos, vê-la, num futuro mais ou menos próximo, transformada em língua universal, prestando-se a facilitar e desenvolver as relações de ordem científica, comercial e social, internacionais.

Côncio de que as tentativas do mesmo genero até então imaginadas, umas deviam ser levadas à conta de pura fantasia, como a de Leibniz, procurando enquadrar numa especie de cálculo algébrico a língua artificial que idealisara, e que, outras, como o *volapuck*, do abade Schleyer, e a língua *azul*, de Leon Bollack, não podiam lograr êxito, devido ao fato dos povos, ciosos de seus patrimônios linguísticos e justo orgulho nacional, mostrarem-se da mais fria reserva para com as línguas cujos vocabulários fossem de origem estrangeira, êle, para atalhar semelhante prevenção, foi buscar entre os idiomas mais em voga pelo mundo, as palavras fundamentais de seu léxico, cujas raízes, acrecidas de determinadas vogais ou sufixos, passam a representar de substantivo, adjetivo, advérbio, tempo dos verbos, aumentativo, comparativo, e assim por diante.

Nêsse tocante, foi seu autor na verdade engenhoso, pois o estudo de semelhante língua, graças à simplicidade de sua teoria, torna-se aparentemente espontânea, podendo ser aprendida da noite para o dia.

Isso, porém, que no entendimento de Zamenhoff devia constituir uma qualidade, é que, contrariamente, resulta em seu maior defeito, pois no terreno da prática, se tradus em lamentável complicação, difficil de deslindar, já que, sendo arbitrária a escolha das línguas na fixação das raízes e consequente formação das palavras, obriga o interessado, sempre que entenda expressar-se, a ter presente, na memória, todos os termos do dicionário, ou então a folheá-lo a cada passo, para saber si seu autor elegeu esta ou aquela língua, onde as raízes das palavras diferem, para poder trocar ou manifestar seus pensamentos.

Si o radical dos vocábulos fosse o mesmo em tôdos os idiomas, essa unidade "talvez" chegasse a servir de alma, emprestar um simulacro de vida ao sonho zamenhoffiano.

Empregamos "talvez", dubitativamente — eis que salta do natural a simples ideia de poder universalisar-se uma língua de criação convencional, a qual, só podendo ser acessível por meio de estudo, viria sem dúvida contradizer o impressionante analfabetismo que predomina, mesmo entre os povos mais cultos e civilizados.

Possivelmente daí deflue a razão de não se haver o Esperanto até hoje transformado em realidade. E tudo leva a crer que não chegará a conseguir sua finalidade, bastando para tanto considerar-se que, embora decorrido mais de meio século desde que foi lançado, contrastando com o entusiasmo com que foi aplaudido na primeira infância, em vez de alargar seu raio de ação, estar a vê-lo cada vez mais restringido, sem embargo das injeções de vida artificial dos congressos, que rareiam de dia em dia, tudo indicando que não tardará a ter o destino que vem a ter em geral as utopias, acabando por morrer de inanição.

ANGELO GUARINELLO

## Engano

VIRGILIO MOREIRA

*Se enganado passei a vida inteira,  
De uma visão angélica à procura,  
De uma nuvem que quanto mais ligeira  
Corre, tanto mais perto se afigura;*

*Se me deixei vencer pela cegueira  
De tentar resfulgir na imensa altura,  
Esquecendo que a glória verdadeira,  
Sendo altiva, não é a que mais fulgura;*

*Se no amor concentrei minha fraqueza,  
Sem lograr atingir o ideal humano,  
O supremo consórtio da beleza,*

*Envelhecendo, agora, ano por ano,  
À proporção que fujo da incerteza,  
Vou, feliz, bendizendo o meu engano...*

---

## Simplificação e limitação da materia gramatical

RAUL GÓMEZ

Quando empreendi a execução de meu plano prático para o ensino da língua, aplicando o velho lema norte americano, — "learning by doing," aprender fazendo, — defrontei com um sem número de dificuldades.

Entre elas duas particularmente me absorveram a atenção, reclamando-me acurado esforço pela novidade que encerravam.

Era aquilo a que, por brevidade, denominarei LIMITAÇÃO e SIMPLIFICAÇÃO DA MATÉRIA GRAMATICAL.

Que deveria eu, na metodologia rápida e prática da língua, ensinar para conseguir eficiência, rapidez, e resultados seguros? — êsse o primeiro problema enunciado.

E como podar o cipoal de regras e exceções, reduzindo os preceitos ao mínimo, de modo a não sacrificar a fisiologia do idioma? — eis a segunda questão.

Vi-me, nêsse instante difícil, na situação de um individuo perdido num deserto, ou numa floresta, sem bússola, nem sequer sol para se orientar, nem para quem apelar.

Principalmente para quem apelar, pois cem gramáticas e copiosa bibliografia vernáculas de nada me valiam.

Nunca houve, nem ainda existe que conste no nosso país qualquer preocupação ou atividade no sentido do estudo e solução de problemas metodológicos, sôbre êste assunto, com a execução de inquéritos, pesquisas e esforços como se faz habitualmente nos Estados Unidos.

Devo esclarecer, fui favorecido no meu tema e pela circunstância importante de não haver preestabelecido doutrinas metodológicas, nem estar influenciado por qualquer leitura a respeito do assunto.

Fui fazendo as lições sob a intuição da impossibilidade de ensinar a prática da língua pelas regras de gramática e cogitei apenas de saber o que devia ensinar, isto é, o essencial da sintaxe para conseguir meus objetivos.

Como tive vasto campo para as experiências, dispondo de massas humanas heterogeneas, desde crianças a adultos, desde caboclos quasi anal-fabetos a estrangeiros que não articulavam uma palavra em lingua brasileira, fui, desde logo, colhendo frutos de minhas investigações.

Com dois anos, tinha já estabelecido as primeiras determinações, naturalmente retificadas posteriores e ainda comprimidas.

E em mais tres anos, ultimava minhas provas, obtendo, de então em diante, um êxito sem precedentes na ministração do ensino prático da lingua.

A extensão dêste artigo não comporta pormenores, que aliás seriam de enorme interêsse para os estudiosos do idioma.

Cingir-me-ci, portanto a enunciar os pontos viscerais do tema.

Foram estas as regras ou questões essenciaes que fixei:

I — Verbos; II — Concordância; III — Crase; IV — Colocação de pronomes; V — Infinitivo; VI — Vocabulário; VII — Correspondência entre pronomes pessoais, rétos, obliquos e possessivos.

Recorria sistematicamente ao método indutivo, extraindo as regras dos fatos e exigia a memorização dos verbos, seguida de intensa e extensa aplicação sentenciada dos mesmos.

Já disse: os efeitos dessa técnica foram espantosos.

Quanto à simplificação, deliberei eliminar todas as dúvidas de meu ensino, preferindo uma só opinião.

Quer dizer: Para meus alunos não existiam controversias acerca da subjetividade do se, concordância, crase, etc.

Pronunciando-me dessa maneira, suporá o leitor haja eu me entronizado em uma cátedra professoral emitindo "ukases" discricionários acerca dos princípios que regem nossa idiomática.

Agí com muita prudência e absoluta lealdade. E ainda mais: Escorando-me nas lições dos mestres.

Nada mais expressivo para evidenciar meu "processus" de que exemplificar com a celeberrima demanada em tórno da topologia pronominal, craveira pela qual desde a Réplica de Rui, para cá, se começou a aferir a competência vernácula de nossos escritores.

Profusa literatura desde os volumaços de Cândido de Figueiredo, que até à estatística recorreu para elucidar o caso, ao nebuloso cientificismo de Said Ali, aos ensinamentos modernos de Agenor da Silveira, em vez de ensinar o aluno, o deixava mais torturado pela dúvida.

Tomei então uma decisão verdadeiramente providencial:

Interrogar probamente os mestres da lingua, seus padrões supremos para ver como eles resolveram o assunto da colocação dos obliquos.

Elegi, como disse, os maiores puristas.

O primeiro compulsado foi Camões, o legislador máximo do idioma. O segundo foi Vieira; o terceiro, Luís de Souza; e o último, Rui.

Formulei tres hipóteses: 1.<sup>a</sup> — verbos finitos; 2.<sup>a</sup> — verbos fraseológicos; 3.<sup>a</sup> — verbos infinitos.

E para cada uma delas abri tres classes, segundo a posição da partícula" próclise; ênclise; mesóclise.

Relacionei nada menos de 40.000 exemplos, dos quais 20.000 coligidos em Camões.

Vejamos apenas as conclusões.

Relativamente à primeira questão, isto é, à colocação do obliquo com verbos finitos, verifiquei que a anteposição era regra, com a exclusiva exceção nos inícios de sentenças.

Camões prefere dizer um quasi fescenino "te tinha", no soneto 100, no 2.º verso do 1.º terceto, 1.º vol. "QUE EU MESMO TE TINHA, NÃO SABIA" a empregar a ênclise.

Quanto à segunda questão, isto é, a dos verbos fraseológicos induzi a regra de liberdade, embora a mesóclise tivesse o menor número de sufrágios:

E quanto á terceira, a do sverbos infinitos, observei que êles usam mais a próclise, sendo que os casos de hiato obrigam ao recurso da posposição ao verbo.

Só alguns anos depois de ampla aplicação dos resultados de minhas pesquisas conheci o que se fazia nos Estados Unidos, não só quanto à língua, mas quanto a todas as matérias dos programas escolares.

Valiosíssima, por exemplo, a vasta obra de Burdette Ross Buckingham, Diretor do Escritório de Investigações Educacionais e Professor de Pedagogia da Universidade de Ohio.

Em seus volumes intitulados INVESTIGAÇÕES PARA PROFESSORES, — magnífico compêndio de psicologia educativa, relata os resultados de imensos inquéritos acerca de tópicos inerentes ao problema que tanto me preocupou da limitação e da simplificação da matéria gramatical.

Consigno aqui meu esforço, porque tenho a pretensão, perdoável num autodidata, modesto e pobre, de ter sido, quanto ao idioma pátrio, um precursor nas lides pelo esclarecimento do assunto.

## Proposta

Os sinatários da presente proposta, membros da Academia Paranaense de Letras, tendo tido oportunidade de examinar a notável publicação intitulada "AS FAMOZAS ARMADAS PORTUGUESAS", de autoria do Cavaleiro Fidalgo Simão Ferreira Paez, da qual um exemplar foi oferecido à Biblioteca desta instituição, e reconhecendo os mesmos o elevado alcance que para as letras pátrias representa a feliz iniciativa do Ministério da Marinha, que tão acertadamente confiou a delicada e árdua tarefa a quem com tanta galhardia soube se desempenhar dela — o ilustre intelectual Paranaense Comandante Didio Iratim Afonso da Costa, — sugerem a esta Academia que, na notificação do seu recebimento, se faça resaltar o quanto de inestimável representa para a nossa cultura histórica essa publicação, que veio salvar de completa destruição o secular Manuscrito, já bastante injuriado pelo tempo.

A reprodução do texto original, além de assegurar a fiel transcrição do Manuscrito, vem trazer novos motivos de estudos para os nossos meios culturais, incrementando o interesse pela ciência paleográfica, facultando-lhes novas fontes de indagações, dada a raridade de documentos originais e consequente dificuldade de consulta.

E quando se considera que as fontes donde Simão Ferreira Paez coligiu os preciosos elementos para a confecção da sua obra foram os próprios livros existentes no Arquivo da "Casa da Índia", desaparecidos por ocasião do terremoto que, em 1755, destruiu Lisbôa, mais avulta o mérito desta publicação.

Academia Paranaense de Letras, em 30 de dezembro de 1938.

Assgs.

*A. Martins Franco*

*J. Loureiro Fernandes*

A Academia tomou esta proposta na consideração merecida, encaminhando cópia ao ilustrado Comandante Didio Iratim Afonso da Costa.

## Academia Paranaense de Letras

Esboço histórico e relatório do 1.º ano de existência

(1936 - 1937)

Em princípios de 1936, achando-se na Presidência do "Centro de Letras" do Paraná, veterana agremiação literária de nossa terra, o Sr. Ulisses Vieira, recebeu êle, nessa qualidade, vários officios e cartas da Academia Carioca de Letras, nos quais propugnava essa Academia por que fosse organizada, no Paraná, uma associação congênere, afim de filiar-se posteriormente, à Federação das Academias de Letras do Brasil, entidade que se fundára em virtude de deliberação tomada no grande Congresso das Academias de Letras e sociedades literárias do país, realizado no Rio de Janeiro, de 3 a 13 de maio de 1936, por iniciativa da Academia Carioca de Letras e em cujo certame o "Centro" se fizera representar pelos poetas Silveira Neto e Leoncio Correia.

De pôsse dessa correspondência e porque julgasse o assunto de magna importância para os interesses intellectuais do Paraná, o Sr. Ulisses Vieira entendeu-se a respeito com os intellectuais conterrâneos, Francisco Leite, Serafim França e De Sá Barreto, ficando resolvido que, em comissão constituída pelos nomes acima, se fizesse um convite pela imprensa, à intellectualidade paranaense, afim de convocar-se uma reunião especial e decidir-se do assunto.

Essa reunião realizou-se a 26 de setembro daquele ano, às 20 horas, no anfiteatro da Escola Normal Secundária desta Capital, sita à rua Emilianio Pernetta.

A ella compareceram os membros da Comissão supra e mais os seguintes intellectuais: Rodrigo Junior, Alcebiades Miranda, Angelo Guarinelo, Ciro Silva, Domingos D. Vellozo, Castela Braz, Quintiliano Pedroso, Alceu Chichorro, Veríssimo de Souza, Osmani Emboaba e Benedito Nicolau dos Santos.

Tendo assumido provisoriamente a Direção dos trabalhos o Sr. Ulisses Vieira, expôs êle minuciosamente aos presentes os objetivos da reunião, tendo ficado resolvido, por unanimidade de votos, o seguinte:



1º) — Que, naquela data, se desse por fundada uma nova Academia de Letras, em nosso Estado, com o nome de “Academia Paranaense de Letras” e com um quadro social de 40 membros efetivos;

2º) — Que esses 40 membros, ocupassem 40 cadeiras, tendo ficado deliberado, desde logo, que para o preenchimento dessas cadeiras se procedesse da seguinte forma:

a) — aclamar-se vários membros da antiga Academia de Letras do Paraná, a saber: D. Alberto Gonçalves, João Cândido, Sebastião Paraná, Dario Vellozo, J. H. Santa Rita, Didio Costa, Leonidas Loiola, Francisco Leite, Serafim França, Pânsito de Assunção, Silveira Neto, Tasso da Silveira, Andrade Murici, Leoncio Correia, Lacerda Pinto, Azevedo Macedo e Romario Martins; e

b) — que as 23 cadeiras restantes, fossem preenchidas mediante escolha e indicação de uma Comissão mista, composta de sócios da antiga Academia de Letras e do “Centro de Letras” e que, de preferência, se escolhessem nomes de literatos pertencentes ao quadro social do “Centro”;

3º) — que essa Comissão mista se compuzesse de 6 membros, 3 pela antiga Academia e 3 pelo “Centro” e de mais um membro para atuar como desempatador, caso houvesse igualdade de votação. A Comissão supra ficou constituída das seguintes pessoas: pela antiga Academia: Francisco Leite, Serafim França e Leonidas Loiola; pelo “Centro” Ulisses Vieira, Sá Barreto e Rodrigo Junior e J. H. Santa Rita, também da antiga Academia, para desempatador;

4º) — que a Academia recém-fundada se regesse, provisoriamente, pelos Estatutos da Academia Carioca de Letras e seu Regimento Interno, no que fossem aplicáveis;

5º) — que a presidência dos trabalhos preparatórios da Academia, até a eleição de sua 1ª Diretoria, ficasse a cargo da mesa que estava dirigindo a reunião, isto é: dos Srs. Ulisses Vieira, Francisco Leite, Serafim França e De Sá Barreto; e

6º) — que, quanto aos patronos, cada acadêmico escolhesse o seu, com exceção dos acadêmicos que já houvessem escrito elogio de seus patronos na antiga Academia, os quais seriam conservados.

---

Fundou-se, assim, no dia 26 de setembro de 1936, nesta Capital, a “Academia Paranaense de Letras”, tendo sido lavrada dessa reunião, em livro próprio, a competente ata.

---

A 13 de março do corrente ano, conforme consta do livro de atas respectivo, reuniu-se a Comissão mista acima referida com a presença dos Srs. Ulisses Vieira, De Sá Barreto, Rodrigo Junior e Francisco Leite tendo

comparecido também à reunião, o Sr. Silveira Neto, membro da antiga Academia de Letras e representante dos intelectuais paranaenses junto à Federação das Academias de Letras do Brasil, no Rio.

Nessa reunião que foi presidida pelo Sr. Ulisses Vieira e Secretariada pelo Sr. Sá Barreto, explicou-se que a Comissão mista, embora tivesse realizado uma sessão a 30 de setembro de 1936, não pudera desincumbir-se da missão que lhe fôra outorgada na assembléia de fundação da Academia, por isso que os Srs. Leonidas Loliola e J. H. Santa Rita haviam declinado da investidura e o Sr. Serafim França só votara em 11 nomes, quando os demais membros votaram em 23.

Que, assim, se tornava necessária a indicação de mais um membro da antiga Academia, para ser completada a Comissão.

Essa indicação recaiu no nome do Sr. Silveira Neto, presente à sessão.

A seguir, passou-se à análise da votação procedida na reunião de 30 de setembro e mais à apuração dos votos do Sr. Silveira Neto, tendo resultado, que, para o preenchimento das 23 vagas existentes foram eleitos os seguintes intelectuais: Heitor Stockler, Raul Gómez, Euclides Bandeira, Angelo Guarinelto, Benedito Nicolau dos Santos, Laertes Munhoz, Rodrigo Junior, De Sá Barreto, Ulisses Vieira, Francisco Negrão, Ciro Silva, Pereira de Macedo, Martins Gomes, Flávio Guimarães, Alceu Chichorro, Quintiliano Pedroso, Sá Nunes, Hugo Simas, David Carneiro, I. Serro Azul, Jaime Balão Junior, Valfrido Piloto e Helvidio Silva.

---

Organizava-se, destarte, o quadro social da Academia Paranaense de Letras, deliberando-se mais que se oficiasse a todos os eleitos, consultando-os se aceitavam ou não a escolha e indicação de seus nomes.

---

A 29 de abril de 1937, firmada pelos Drs. Ulisses Vieira e Otávio de Sá Barreto era expedida a todos os intelectuais escolhidos para integrar o quadro social da Academia, a seguinte circular:

“Academia Paranaense de Letras, Circular, Curitiba, 29 de abril de 1937. Prezado Senhor: — Pela presente, temos a honra de comunicar-lhe que, acedendo à solicitação da Academia Carioca de Letras, promotora do grande Congresso das Academias e Sociedade de Letras do país, e de cujo certame resultou a FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL, foi fundada, nesta capital, com o fim de filiar-se à referida Federação, a “ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS”.

A fundação desta nova Academia, obedeceu a deliberações tomadas em reuniões prévias, promovidas, publicamente, por uma

comissão de intelectuais paranaenses, constituída pelos Snrs. Ulisses Vieira, Francisco Leite, Serafim França e Sá Barreto, tendo de tudo sido lavradas as respectivas atas.

Assim, é que na sessão de 26 de setembro do ano findo, no salão nobre da Escola Normal desta Capital, foram aclamados pelos presentes, sócios da "ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS", os seguintes intelectuais: D. Alberto Gonçalves, João Cândido Ferreira, Sebastião Paraná, Dario Velozo, J. H. Santa Rita, Dídio Costa, Leonidas Loiola, Francisco Leite, Serafim França, Pânsito de Assunção, Silveira Neto, Tasso da Silveira, Andrade Murici, Leoncio Correia, Lacerda Pinto, Azevedo Macedo e Romário Martins, todos pertencentes ao quadro da antiga Academia de Letras do Paraná, e, em seguida, após votação, realizada por uma comissão mista, composta dos Snrs. Ulisses Vieira, Sá Barreto e Rodrigo Junior, pelo "Centro de Letras" do Paraná e Francisco Leite, Serafim França e Silveira Neto, pela antiga Academia, foram escolhidos, em 13 de março findo, mais 23 nomes para integrar o quadro social de 40 cadeiras.

Esses últimos nomes são os dos seguintes intelectuais: Heitor Stockler, Raul Gómez, Euclides Bandeira, Angelo Guarinelo, Benedito Nicolau dos Santos, Laertes Munhoz, Rodrigo Junior, Sá Barreto, Ulisses Vieira, Francisco Negrão, Ciro Silva, José Pereira de Macedo, Oscar Martins Gomes, Flávio Guimarães, Alceu Chichorro, Quintiliano Pedroso, José de Sá Nunes, Hugo Simas, David Carneiro, Ildefonso Serro Azul, Jaime Balão Junior, Valfrido Piloto e Helvidio Silva.

Como V. Ex. figure no quadro da nova Academia os abaixo assinados, Presidente e Secretário provisórios da mesma, em virtude de escolha procedida na citada reunião de 26 de setembro, vêm, pela presente, solicitar-lhe, por escrito, contestação desta circular, comunicando a aceitação ou não da sua indicação como sócio, a fim de serem ultimados, como urge, os trabalhos de organização definitiva da Academia recém-fundada.

As respostas poderão ser endereçadas para os sinatários, em suas residências, às ruas Carlos de Carvalho, nº 571 e Presidente Faria, 131.

Contando, desde já, com a boa vontade e com o alto espírito de cordialidade intelectual de V. Exa. para a perfeita organização de uma Academia que honre os fóros de cultura do Paraná mental, subscrevemo-nos, muito atenciosamente."

Pelos periódicos locais, então, convocou-se uma Assembléia Geral para o dia 29 de maio, a fim de ser instalada a Academia e eleita sua 1ª. Diretoria.

No dia aprazado realizou-se, uma hora depois, em 2ª. convocação, essa Assembléia, tendo se instalado a Academia.

Nessa mesma Assembléia foram lidas as respostas dos intelectuais que aceitaram a indicação de seus nomes para membros da Academia, bem como as dos que declinaram da indicação.

Responderam afirmativamente 28 intelectuais; negativamente 6 e deixaram de responder 6.

Ainda nessa Assembléia foram aprovados os Estatutos da Academia e procedida a eleição da 1ª. Diretoria para o 1º bienio social, que ficou assim constituída:

Presidente: — *Ulisses Vieira*  
 VicePresidente: — *Francisco Leite*  
 Secretário Geral: — *De Sá Barreto*  
 1º Secretário: — *B. Nicolau dos Santos*  
 2º Secretário: — *Ciro Silva*  
 Tesoureiro: — *Pereira de Macedo*  
 Bibliotecário: — *Valfrido Piloto.*

A Diretoria, assim eleita, ato contínuo tomou pòsse de seus cargos, com excepção do acadêmico Valfrido Piloto, que se não achava presente.

O Presidente produziu, então, um vibrante improviso, agradecendo a prova de confiança que os srs. acadêmicos depositavam em si e seus companheiros de Diretoria, elegendo-os para os cargos, nos quais acabavam de empossar-se.

O quadro atual da Academia Paranaense de Letras está assim constituído:

*QUADRO SOCIAL DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS*

CADEIRAS PATRONOS	ACADÊMICOS
1 — Fernando Amaro	Silveira Neto
2 — Bento Fernandes de Barros	Fânfilo de Assupção
3 — Manoel Eufrásio Correia	Leoncio Correia
4 — Telemaco Borba	Vaga
5 — Alfredo Munhoz	Vaga
6 — Ubaldino do Amaral	Sá Nunes
7 — Albino Silva	Ciro Silva
8 — João José Pedrosa	Azevedo Macedo

9 — Eusébio Mota	Dario Velozo
10 — Joaquim de Almeida Faria	Lacerda Pinto
11 — José Gonçalves de Moraes	Vaga
12 — Brasílio Itiberê da Cunha	B. Nicolau dos Santos
13 — João Evangelista Braga (Cônego)	Vaga
14 — Manoel Vicente (Cônego)	Alberto Gonçalves (Bispo)
15 — Fernando Simas	Hugo Simas
16 — Luís França	Vaga
17 — Rocha Pombo	Valfrido Piloto
18 — Moisés Marcondes	Flávio Guimarães
19 — Vicente Machado	João Cândido Ferreira
20 — Dias da Rocha Filho	Francisco Leite
21 — Domingos Nascimento	Vaga
22 — Francisco Carvalho de Oliveira	Rodrigo Junior (João B. Carvalho de Oliveira)
23 — Emiliano Pernetta	De Sá Barreto
24 — Joaquim P. Pinto Chichorro Jor.	Alceu Chichorro
25 — Nestor de Castro	I. Serro Azul
26 — Emilio de Menezes	Helvidio Silva
27 — Nestor Vitor	Ulisses Vieira
28 — Jaime Balão	Quintiliano Pedroso
29 — Júlio Pernetta	Raul Gómez
30 — Ermelino de Leão	Francisco Negrão
31 — Alcides Munhoz	Laertes Munhoz
32 — Nilo Cairo da Silva	Pereira de Macedo
33 — Ricardo de Lemos	Heitor Stockler
34 — Ismael Martins	Vaga
35 — Niepce da Silva	Martins Gomes
36 — Scharffenberg de Quadros	Vaga
37 — Aristides França	Vaga
38 — Adolfo Werneck	Vaga
39 — Cícero França	Angelo Guarinelo
40 — Clemente Ritz	Vaga

---

Feito êsse breve escôrço histórico da fundação da Academia, passaremos a nos referir à vida social do grêmio, no período que decorre de 29 de maio dêste ano, até a presente data.

---

5 de Julho: — Realiza-se a primeira sessão ordinária da Academia. A ela comparecem os acadêmicos: Ulisses Vieira e Francisco Leite, Presidente e Vice-Presidente, De Sá Barreto, Secretário Geral, B. Nicolau dos Santos e Ciro Silva, respectivamente 1º e 2º Secretários, os quais constituem a mesa e mais os srs. acadêmicos Pereira de Macedo, Tesoureiro, Valfrido Piloto, Bibliotecário, e Angelo Guarinelo, Rodrigo Junior, Hugo Simas, Lacerda Pinto e Heitor Stockler.

São tratados vários e importantes assuntos que interessam à Academia. Entre estes o da organização definitiva do quadro social com as cadeiras e respectivos patronos, obedecendo-se, para os patronos, à ordem cronológica, em atenção às determinações da Federação das Academias de Letras.

São indicados os acadêmicos Francisco Negrão e Rodrigo Junior para a organização da lista das cadeiras e patronos, por ordem cronológica. Estabelece-se que o traje será a casaca, para as sessões públicas e solênes e, para as ordinárias, o traje comum, até ser resolvido sobre o uniforme que a Academia deverá adotar.

Fixam-se as contribuições de Rs. 100\$000 a título de joia e Rs.: 10\$000 como mensalidade.

São nomeados Delegados da Academia junto à Federação os acadêmicos Flávio Guimarães e Silveira Neto.

Assenta-se que as sessões da Academia terão lugar toda 1ª. segunda-feira de cada quinzena.

São propostos e aceitos votos de pesar pelo falecimento dos eminentes escritores patricios Martins Fontes, Paulo Setubal, Ciro Costa, Laudelino Freire e Belmiro Braga.

19 de Julho: — Francisco Negrão e Rodrigo Junior apresentam a lista cronológica das cadeiras e patronos da Academia. É igualmente apresentado o *croquis* do emblema da Academia, organizado pelo acadêmico Pânsito de Assunção. Discute-se a obtenção de um local apropriado para a instalação da Secretaria, Tesouraria e Biblioteca da Academia. De Sá Barreto apresenta a indicação de ser publicado o Boletim da Academia, indicação essa que é aprovada. Francisco Negrão apresenta outra indicação sobre nomes a serem escolhidos para as vagas da Academia, indicação essa que, na forma estatutária e regimental, fica para ser tomada em consideração oportunamente.

É lido um entusiástico officio da Academia Riograndense de Letras, agradecendo a comunicação da eleição e posse da 1ª. Diretoria da Academia e fazendo oportunas considerações sobre intercâmbio literário. É aprovado um voto de pesar pelo passamento do escritor patricio Almaquio Diniz.

2 de Agosto: — É discutido e aprovado o Regimento Interno, organizado pelo acadêmico De Sá Barreto, que o moldou no da Academia Carioca. Aprova-se também a lista das cadeiras e patronos da Academia. O acadêmi-

co Raul Gómez usa da palavra e comunica em brilhante exposição, por largo tempo, que escreveu uma obra didática sobre Prática da Redação, cuja publicação já está providenciada.

Consigna-se em ata um voto de louvor a êsse confrade, pela elaboração e publicação dêsse seu trabalho.

*16 de Agosto:* — O Presidente comunica que, sobre um local apropriado para a instalação da Secretaria, Tesouraria e Biblioteca da Academia, esteve conferenciando com o Sr. Governador do Estado, o qual prometêra ceder essas acomodações no prédio da Praça Carlos Gomes, onde funcionára a Escola de Aprendizes Artífices. É lida uma carta expressiva do eminente professor Fernando de Azevedo alusiva à obra do confrade Raul Gómez, sobre Prática da Redação. Vota-se que essa carta seja transcrita em ata e publicada pela imprensa local, dados os conceitos altamente lisonjeiros que ela faz ao destinatário. Na ordem do dia usam da palavra os acadêmicos inscritos: Lacerda Pinto, Ciro Silva e De Sá Barerto, que lêem magníficas produções de sua lavra, sendo os seus trabalhos entusiasticamente aplaudidos. É aprovado o distintivo da Academia.

*6 de Setembro:* — É dada ciência à Academia da próxima vinda a esta capital, do acadêmico Bispo D. Alberto Gonçalves, propondo o Presidente que se faça uma sessão especial para recebê-lo, o que é aprovado por unanimidade. O Tesoureiro apresenta o primeiro balancete da sua gestão, o qual também é aprovado. Esse balancete acusa um saldo em caixa de Rs. 870\$000. Delibera-se que passando a 26 do corrente, o 1º aniversário da fundação da Academia a próxima sessão ordinária a realizar-se fosse dedicada à comemoração dessa data, sendo designado orador oficial da solenidade o acadêmico Martins Gomes. O confrade Silveira Neto, Delegado da Academia, junto à Federação, comunica por carta de 27 de agosto, que, desde 25 de julho transato a Academia está filiada à Federação, o que vale dizer: está federada.

Por se acharem inscritos na Ordem do Dia, fazem uso da palavra para ler trabalhos de sua autoria os acadêmicos Heitor Stockler, Pereira de Macedo e Alceu Chichorro. Todos os oradores são ouvidos com muito interesse, tendo os seus trabalhos causado ótima impressão.

Ao finalizar-se a parte literária, o Presidente usa da palavra e, porque se passe, no dia imediato, mais um aniversário da Independência, rememora a data em brilhante improviso, requerendo que, na ata dos trabalhos, se consigne um voto de congratulações com a nossa grande pátria pela grande comemoração, no que é apoiado por unanimidade dos presentes.

*27 de Setembro:* — Sessão comemorativa da passagem do 1º aniversário da fundação da Academia, ocorrido, ontem, dia 26. O Presidente, ao abrir a sessão, profere magnífico improviso, rememorando os acontecimentos que precederam a fundação do grêmio e história a sua vida até esta data,

enaltecendo as suas finalidades e tecendo o elogio de todos os Srs. Acadêmicos que não têm poupado esforços no sentido do crescente progresso e prestígio da Academia. É dado conhecimento à casa, do falecimento, a 11 do corrente, do acadêmico Francisco Negrão, fundador e ocupante da cadeira número 30. O Presidente comunica que a Academia se fez representar nos funerais do extinto, tendo sido depositada, no túmulo, uma corôa de flores naturais e produzido a oração fúnebre o 2º Secretário, acadêmico Ciro Silva. Marca-se uma sessão homenageativa para o 30º dia do passamento do ilustre confrade, sendo designado orador oficial o acadêmico Raul Gómez. Martins Gomes produz o seu magnífico discurso alusivo à data do 1º natalício da Academia, impressionando vivamente pela beleza e originalidade do seu trabalho. Na parte literária usam da palavra os acadêmicos Alceu Chichorro, Ciro Silva, Angelo Guarinelo, Heitor Stockler, Lacerda Pinto, Martins Gomes e De Sá Barreto, que lêem sugestivas páginas de sua autoria, em prosa e verso. Achando-se presente o acadêmico Pânfilo de Assunção, que comparecia, pela primeira vez, às reuniões da Academia, produz êle eloquente e belíssimo improvisado, enaltecendo a obra da atual Diretoria, especialmente a do Sr. Presidente e congratula-se com todos os confrades pelo brilho da sessão e por tudo quanto a Academia já tem realizado e que constitui a credencial máxima do seu trabalho e eficiência.

---

Feita assim a resenha dos principais fatos ocorridos nas sessões realizadas no trimestre que findou, passamos à matéria que diz respeito às atividades da Secretaria Geral.

#### CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

Durante o trimestre foram recebidos cento e quatro (104) ofícios, cartas, telegramas e comunicados.

#### CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA

Foram expedidos 67 ofícios diversos, feitos 2 requerimentos, um à Federação das Academias, solicitando filiação, e outro à Direção dos Correios e Telégrafos desta Capital, pedindo a assinatura de uma caixa postal, e expedidas 11 circulares.

#### OBRAS E PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

No decurso do trimestre a Academia recebeu de autores vários e de várias procedências, 58 obras e publicações diversas, entre as quais muitas enviadas pelas Academias de Letras, Carioca, Riograndense, Cearense, Matogrossense e Petropolitana. Essas obras e publicações acham-se em via de



ser lançadas no competente livro de tomo, a cargo do Bibliotecário, onde serão discriminados os títulos, autores, gênero, etc.

### PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA

A Secretaria Geral vem publicando com a cooperação dos Srs. 1º e 2º Secretários, nos principais periódicos da Capital, notícias pormenorizadas de todas as sessões da Academia, bem como de outras notas e comunicados, cujos recortes têm sido enviados, para divulgação, à Federação e Academias Carioca e Riograndense de Letras. No arquivo a este fim destinado, acham-se colecionados esses recortes, para os devidos fins.

### INDICAÇÕES

Do arquivo constam duas indicações por escrito, apresentadas pelos acadêmicos Francisco Negrão e De Sá Barreto, ambas lidas e votadas na sessão de 19 de julho.

### TRABALHOS LIDOS NAS SESSÕES

Na forma regimental, os trabalhos lidos nas sessões pelos srs. acadêmicos, ficam arquivados na Secretaria. No decurso das sessões realizadas foram pelos autores lidos os seguintes trabalhos:

Na sessão de 16 de agosto: "Para além da Morte", poema da lavra de Lacerda Pinto; "Arte e Poesia", capítulo do livro: "Arte, Estética e Beleza", de autoria de Ciro Silva; "Burlesco", poema de De Sá Barreto e "Maria Clara, menina de arrabalde", crônica do mesmo autor.

Na sessão de 6 de setembro: "Camões, a maior figura literária da Renascença", esboço crítico de Heitor Stockler; "Impressões de uma viagem à Baía", de Pereira de Macedo e "Invectiva do ser", dois sonetos de Alceu Chichorro.

Na sessão de 27 de setembro: "Minha mãe" e "Anjo enfermo", sonetos de Alceu Chichorro; "Mudam os tempos", "Bonca de Natal", "Maldade", "Bemfeitor", "Recordando" e "A cidade que eu quero bem", poemas de Ciro Silva; "Relâmpago", primeiro capítulo da novela "Crime sagrado, de Angelo Guarinello; "Naturêza em festa", versos de Heitor Stockler; "Poesia e metafísica", poema de Lacerda Pinto; "Discurso sobre a data" e "Saudação à musa da Primavera", de Martins Gomes, e "Eterna triade simbólica do Amor", cena de teatro em verso e "Para a que há de vir", poemas de De Sá Barreto.

### TRABALHOS DOS ACADÊMICOS

No arquivo respectivo encontram-se também cópias miniografadas de 2 discursos proferidos no Senado Federal pelo acadêmico Flávio Guimarães,

e remetidos à Academia pelo autor, sobre as questões separatista no Brasil e ortográfica.

### LIVRO DE REGISTO DE SÓCIOS

Prosegue a coletânea dos dados bio-bibliográficos dos srs. acadêmicos, a fim de ser organizado o livro de registo dos associados. Até a presente data já enviaram formulários preenchidos os acadêmicos Sá Nunes, Raul Gómez, D. Alberto Gonçalves, Rodrigo Junior e De Sá Barreto.

### FALECIMENTOS

A 11 do corrente, faleceu nesta capital o acadêmico Francisco Negrão (Francisco de Paula Dias Negrão), brilhante homem de letras paranaense, fundador da cadeira nº 30, cujo patrono é o eminente historiador Ermelino de Leão. A Academia compareceu aos funerais do seu ilustre associado, pelo seu Presidente e 2º Secretário, tendo sido depositada no túmulo uma corôa de flores naturais. Interpretando os sentimentos acadêmicos, orou, no cemitério, no momento de ser sepultado o confrade falecido, o 2º Secretário, acadêmico Ciro Silva.

A 28 ainda deste mês, após longa enfermidade, expira o acadêmico Dario Vellozo (Dario Persiano Moraes de Castro Vellozo), eminente educador, filósofo e poeta, ocupante da cadeira número 9, cujo patrono é o ilustre juriconsulto e pensador Eusébio Mota. A Academia compareceu aos funerais do pranteado consócio, na pessoa de seu Presidente, Secretário Geral, 2º Secretário, Tesoureiro, Bibliotecário, e confrades Rodrigo Junior, Raul Gómez, Martins Gomes, Hugo Simas, Alceu Chichorro, Lacerda Pinto e Heitor Stockler. No túmulo foi depositada linda corôa de flores naturais e fez a oração fúnebre o acadêmico Raul Gómez.

### ESTATUTOS

Os Estatutos da Academia, que foram aprovados na Assembléia de 29 de maio, acham-se com a data de 1º de junho, legalmente inscritos à fls. 73, do livro nº 2 do Registo das Pessoas Jurídicas, do 1º Ofício do Registo de Títulos e Documentos, do Serventuário desta Capital, Dr. Flávio F. da Luz, e foram publicados, na íntegra, no nº 1640, de igual data, do Diário Oficial do Estado.

### SÉDE

A Academia vem realizando regularmente as suas sessões no salão nobre da Universidade do Paraná, para êsse fim gentilmente cedido pelo venerando paranaense professor Dr. Vitor do Amaral, culto e honrado Reitor daquele estabelecimento de ensino superior.

## CAIXA POSTAL

Tem o nº 670, a Caixa Postal desta Academia.

E assim, certa de que tudo tem feito, à medida de suas forças, para bem desempenhar o cargo para o qual foi eleita, esta Secretaria encerra o presente trabalho, pedindo a benevolência da Diretoria e confrades pelos erros, senões e omissões acaso encontrados.

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS, em Curitiba, 30 de Setembro de 1937.

*DE SA' BARRETO, Secretário Geral.*

---

## Anais da Academia Paranaense de Letras FUNDAÇÃO

### RESUMO DA ATA RESPECTIVA

Em 26 de setembro de 1938, no anfiteatro da Escola Normal, de Curitiba, capital do Estado do Paraná, numerosos intelectuais a convite de uma comissão composta dos Srs. Ulisses Falcão Vieira, Otávio de Sá Barreto, Serafim França e Francisco Ferreira Leite membros da extinta Academia de Letras do Paraná, reuniram-se para tratar da fundação de uma Academia de Letras. A mencionada comissão à hora 20, aprazada para este fim, assumiu a direção dos trabalhos em caráter provisório, verificando-se pelo livro de assinaturas acharem-se presentes as seguintes pessoas: Drs. Ulisses Vieira, Otávio de Sá Barreto, Serafim França, Rodrigo Junior, Angelo Guarinelo, Ciro Silva, srs. Alcibiades Miranda, Francisco Leite, Domingos Duarte Velozo, Castela Braz, Quintiliano Pedroso, Alceu Chichorro, Veríssimo de Souza, Osmani Emboaba e Benedito Nicoláu dos Santos. Com a palavra o Dr. Ulisses Vieira, consulta os presentes se desejam constituir, por meio de eleição a mesa que deverá dirigir os trabalhos. Por unanimidade dos presentes foi deliberado que os trabalhos fossem dirigidos pela comissão convocadora da reunião ou sejam: os Srs. Ulisses Vieira, Otávio de Sá Barreto, Serafim França e Francisco Ferreira Leite. Diante dessa resolução assumiu a presidência dos trabalhos o Sr. Ulisses Vieira, auxiliado pelos demais componentes da mesa e secretariado pelo sr. De Sá Barreto, conforme designação do sr. Presidente. Em seguida o sr. Presidente usando da palavra disse que convidava os srs. intelectuais paranaenses a fim de com estes estudar a conveniência da fundação de uma Academia de Letras; que, como Presidente do Centro de Letras, vinha sendo instado pelo ilustre Presidente da Academia Carioca de Letras, sr. Afonso Costa, e outros intelectuais brasileiros para que se organizasse no Paraná uma Academia que reunisse os elementos de maior vulto intelectual, a exemplo do que se está fazendo em outros Estados brasileiros; que lhe parecia de toda a conveniência para a intelectualidade paranaense ir ao encontro do

convite da Academia Carioca, pois daí adviriam vantagens sem conta para os interesses da coletividade intelectual ao mesmo passo que colocaríamos o nosso Estado no mesmo nível moral e cultural dos seus co-irmãos brasileiros. Recentemente, acrescentou o sr. Presidente, a Academia Carioca convocou e levou a termo na Capital da República, o Congresso das Academias, e Sociedades de Letras, que ali esteve reunido de 3 a 13 de maio último e no qual o Paraná se fez representar pelo sr. Silveira Neto, que ali compareceu como embaixador do Centro de Letras, por nossa designação. Entre outras resoluções tomadas no importante certame, está a de que os Estados que compareceram à reunião das Letras Brasileiras, deverão organizar suas academias federadas à Federação das Academias de Letras do Brasil, afim de que possam gosar das vantagens daí decorrentes.

Por outro lado, o Paraná comporta perfeitamente semelhante organização possuindo como é evidente uma plêiade de cultores das letras nos mais variados aspectos. Deante destes fatos e razões a comissão que tenho a honra de presidir deliberou convocar esta reunião a fim de decidir sobre tão magno assunto. Como, porém, a matéria a ser votada é complexa, propunha que a mesma fosse discutida e votada por proposições.

Submetido a votos este alvitre foi aprovado, passando, então, o Presidente a formular as seguintes proposições: *Primeira* — Devemos restaurar a antiga Academia de Letras do Paraná, ou transformar o Centro de Letras em Academia, ou finalmente fundar uma nova Academia? Discutida amplamente a matéria, foi vencedora a ideia de se fundar uma nova Academia com o nome de "Academia Paranaense de Letras" e com quarenta cadeiras; *Segunda* — Quais os intelectuais que devem constituir a nova Academia? Deliberou-se que fossem conservados alguns membros da antiga Academia de Letras do Paraná, a saber: D. Alberto Gonçalves, João Cândido Ferreira, Sebastião Paraná, Dario Vellozo, J. H. Santa Rita, Didio Costa, Leonidas Loiola, Francisco Leite, Serafim França, Pânfilo de Assunção, Silveira Neto, Tasso da Silveira, Andrade Murici, Leoncio Correia, Lacerda Pinto, Azevedo Macedo e Romario Martins; que as cadeiras vagas em número de vinte e tres, fossem preenchidas, mediante indicação e escolha de uma comissão mista, composta de sócios da antiga Academia e do "Centro de Letras", preferentemente entre os sócios deste. *Terceira* — De quantos membros se comporia a Comissão mista e quais os nomes que deveriam integrá-la? Foi vitorioso o alvitre de que a mesma se compuzesse de seis membros, tres da antiga Academia e tres do Centro de Letras e mais um para atuar como desempatador. Por indicação da maioria presente a escolha da comissão recaiu nos seguintes nomes: Ulisses Vieira, Sá Barreto e Rodrigo Junior pelo Centro de Letras, Francisco Leite, Serafim França e Leonidas Loiola pela antiga Academia e J. H. de Santa Rita, para desempatador. *Quarta* — Como se regeria a Academia no período de sua formação? Votou-se que a nova Academia adotasse, provisoriamente, os estatutos e o Regimento Interno da Academia Carioca de Letras. *Quinto* —

Quem presidiria a Academia Paranaense de Letras, até a eleição da sua Diretoria definitiva?

Decidiu-se que a mesa da presente reunião constituir-se-ia em diretoria provisória até ulterior deliberação. *Sexta* — Quais os patronos que deveriam ser escolhidos para as cadeiras da Academia?

Resolveu-se que cada acadêmico escolheria o seu patrono, exceto os que já houvessem escrito o elogio de seus patronos na antiga Academia de Letras do Paraná, sugerindo-se mais que entre os patronos seria de justiça a escolha de Rocha Pombo, Nestor Vitor, Moisés Marcondes, Jaime Balão, Ricardo de Lemos etc. Sem outro assunto foi encerrada esta primeira reunião.

#### RESUMO DA ATA DA SESSÃO ESPECIAL REALIZADA PELA COMISSÃO ELEITA EM 26 DE SETEMBRO DE 1937 PARA ORGANIZAR O QUADRO DOS SRS. ACADÊMICOS

Aos 13 dias de março de 1937, no salão nobre da Universidade do Paraná, às quatorze horas, mediante prévio aviso da Diretoria provisória da Academia Paranaense de Letras, reuniu-se a comissão mista, encarregada de ultimar o quadro social da mesma Academia, achando-se presentes os Srs. Ulisses Vieira, Sá Barreto, Rodrigo Junior, Francisco Leite, deixando de comparecer os Srs. Serafim França, Leonidas Loiola e desembargador J. H. Santa Rita. Achava-se no recinto o Sr. Silveira Neto, membro da antiga Academia de Letras do Paraná e representante do Centro de Letras junto à Federação dos Acadêmicos de Letras do Brasil, no Rio de Janeiro. Aberta a sessão pelo Sr. Ulisses Vieira, que assumiu a presidência, por deliberação dos presentes, com o Sr. De Sá Barreto servindo de Secretário, leu este a ata anterior que sem debate foi aprovada. O presidente explicou então que a comissão mista, ora reunida, não levou ainda a termo a incumbência de que fôra investida em 26 de setembro do ano findo porque o Sr. Leonidas Loiola, um dos seus componentes, declinára da investidura, por não desejar, conforme declarára, assumir a responsabilidade da escolha de nomes para completar o quadro social da atual Academia e por outro lado, porque, embora reunida a mesma comissão em 30 de setembro do ano findo, não fôra possível chegar a um entendimento para integrar o quadro social, por isso que o Sr. Serafim França declarou que votaria somente em 11 nomes, quando os demais membros votariam em 23 nomes, conforme resolução tomada em 26 de setembro do ano findo; que assim era necessário preliminarmente, dar-se substituto ao Sr. Leonidas Loiola, a fim de se proceder à escolha dos intelectuais que deverão integrar o quadro social da Academia. Os presentes por unanimidade de votos resolveram eleger o Sr. Silveira Neto para substituir o Sr. Leonidas Loiola, o que feito passou a deliberar escolhendo por proposta do presidente 23 nomes de intelectuais para compor o quadro da Academia, do que se fez termo especial.

Encerrou-se a sessão, passando a comissão a tratar do assunto objeto desta última deliberação.

#### TÉRMO DA ESCOLHA DOS NOMES DOS INTELLECTUAIS QUE DEVERÃO COMPLETAR O QUADRO SOCIAL DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

Aos treze dias do mês de março de 1937, às quinze horas, no salão nobre da Universidade do Paraná, aí reunida a comissão mista composta dos senhores Ulisses Vieira, Sá Barreto, Francisco Leite, Silveira Neto e Rodrigo Junior, encarregado da escolha de 23 nomes de intellectuais para completar o quadro social da Academia Paranaense de Letras, depois de demorado estudo sobre os valores literários do Paraná e as ponderações feitas por todos os presentes, procedeu-se à respectiva escolha, a qual por unanimidade de votos (com as restrições feitas pelos componentes da comissão, quanto aos seus nomes) recaiu nos seguintes senhores: Heitor Stockler, Raul Gomes, Euclides Bandeira, Angelo Guarinello, Benedito Nicolau dos Santos, Laertes Munhoz, João Batista Carvalho de Oliveira (Rodrigo Junior), Otávio de Sá Barreto, Ulisses Falcão Vieira, Francisco Negrão, Ciro Silva, José Pereira de Macedo, Oscar Martins Gomes, Flávio Carvalho Guimarães, Alceu Chichorro, Quintiliano Pedroso, José de Sá Nunes, Hugo Gutierrez Simas, David Carneiro, Ildefonso Serro Azul, Jaime Balão Junior, Valfrido Piloto e Helvidio Silva. Os dezeseite primeiros nomes obtiveram também unanimidade de votação na reunião de trinta de setembro do ano findo, e assim a comissão dava por finda a sua tarefa e por escolhido definitivamente o quadro social da Academia Paranaense de Letras; outrosim considerava eleitos os vinte e tres literatos acima indicados, em face dos poderes de que se achava investida desde a fundação da Academia. Finalmente alvitrava a comissão a ideia de se dar comunicação imediata a cada um dos eleitos, a fim de que se manifeste sobre se aceitam ou não a investidura. Este termo está assinado por toda a comissão.

#### RESUMO DE ATA DE ASSEMBLÉIA CONVOCADA PARA 29-5-37. — (1ª convocação)

Na data supra às 20 horas, no salão nobre da Universidade do Paraná, nesta cidade de Curitiba, mediante convocação por edital publicado na imprensa desta Capital com a devida antecedência, reuniu-se a Assembléia geral da Academia Paranaense de Letras, para eleger a sua primeira diretoria e tomar outras medidas tendentes à organização definitiva da mesma. Aberta a sessão pelo presidente provisório, Ulisses Vieira, foi lida e sem discussão aprovada a ata anterior.

Não havendo expediente e verificando-se falta de número legal para os fins da convocação, encerrou-se a sessão, tendo o presidente convocado

a assembléa para se reunir uma hora depois e deliberar com qualquer número. Para constar lavrou-se a ata que foi assinada pelos seguintes acadêmicos: Ulisses Vieira, Francisco Leite, De Sá Barreto, Benedito Nicolau dos Santos, José Pereira de Macedo, Martins Gomes, Ciro Silva e Alceu Chichorro.

RESUMO DA ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL REALIZADA EM 29-5-37, EM SEGUNDA CONVOCAÇÃO, UMA HORA DEPOIS DO ENCERRAMENTO DA ANTERIOR

Em data, era e hora acima referidas, reuniu-se em segunda convocação a Assembléa Geral da Academia Paranaense de Letras para eleger sua Diretoria bem como para tomar outras deliberações e o que não foi feito por falta de número. Lida e aprovada sem debate a ata precedente, o presidente provisório explicou à casa que haviam respondido por escrito à circular da Academia comunicando a fundação desta e a escolha dos componentes do quadro social, aceitando as respectivas indicações os seguintes acadêmicos: — Alceu Chichorro, Angelo Guarinelo, Benedito Nicolau dos Santos, Ciro Silva, Dario Persiano Moraes de Castro Velozo, Francisco Ferreira Leite, Francisco Dias de Souza Negrão, Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, Heitor Stockler de França, Hugo Gutierrez Simas, João Batista Carvalho de Oliveira (Rodrigo Junior), João Cândido Ferreira, João Pânfilo de Assunção, José Pereira de Macedo, José de Sá Nunes, Laertes de Macedo Munhoz, Manoel de Lacerda Pinto, Otávio de Sá Barreto, Oscar Martins Gomes, Quintiliano Pedroso, Raul Rodrigues Gomez, Ulisses Falcão Vieira e Valfrido Piloto, todos residentes nesta cidade, e mais os senhores acadêmicos D. Alberto José Gonçalves, Flávio Carvalho Guimarães, Ildelfonso do Serro Azul, Leoncio Correia, Manoel Silveira Neto, residentes fóra do Estado. Comunicou ainda que os senhores David Carneiro, Didio Iratim Afonso da Costa, Jaime Balão Junior, J. H. de Santa Rita, Leonidas Loiola e Sebastião Paraná, que foram indicados para membros da Academia, responderam àquela circular, declinando da escolha e finalmente que os senhores Euclides Bandeira, Helvidio Silva, Romario Martins, Serafim França, e Tasso da Silveira até a presente data não se haviam manifestado sobre a circular que lhes foi enviada. A assembléa tomou conhecimento dos fatos expostos e por proposta do sr. Sá Barreto determinou que se oficiasse novamente aos que não haviam respondido a circular, pedindo solução dentro de 20 dias. O presidente explicou que na reunião em que se fundou a Academia ficou deliberado que se adotassem os estatutos e o Regimento Interno da Academia Carioca de Letras e como as modificações para ajustá-los à Academia Paranaense de Letras eram de pouca importância passava a ler esta, a fim de serem discutidas e votadas na presente reunião o que foi feito sendo as emendas aprovadas depois de ligeiro debate. Em seguida passou a Assembléa a cuidar da segunda parte da ordem do dia que era a eleição da Diretoria. Feita e apurada a eleição, chegou-se o seguinte resultado: —



para presidente: Ulisses Vieira, seis votos; Hugo Simas e João Cândido, um voto cada um. Para vice-presidente: Francisco Leite, cinco votos; Hugo Simas, um, e Martins Gomes, dois. Para secretário-geral: Otávio de Sá Barreto, cinco votos; Francisco Leite, dois, e Martins Gomes, um. Para primeiro-secretário: Benedito Nicolau dos Santos, cinco votos, Sá Barreto, dois, e Martins Gomes, um. Para segundo-secretário: Ciro Silva, cinco votos, Heitor Stockler, dois, e um em branco. Para tesoureiro: José Pereira de Macedo, seis votos, Martins Gomes, um, e Benedito Nicolau dos Santos, um. Para Bibliotecário: Valfrido Piloto, cinco votos, Alceu Chichorro, dois, e Quintiliano Pedroso, um, resultado este correspondente ao número de acadêmicos presentes. Verificado o resultado, foi proclamada eleita a seguinte diretoria para o primeiro bienio social 1937-1939:

Presidente: — Ulisses Falcão Vieira.

Vice-Presidente: — Francisco Ferreira Leite.

Secretário-Geral: — Otávio de Sá Barreto.

1º Secretário: — Benedito Nicolau dos Santos.

2º Secretário: — Ciro Silva.

Tesoureiro: — José Pereira de Macedo.

Bibliotecário: — Valfrido Piloto.

Ato contínuo e sob uma salva de palmas foi empossada a Diretoria, tendo o presidente eleito produzido um vibrante discurso de agradecimento pela honrosa prova de confiança que, com seus pares, acabava de receber da Academia. A Assembléia investiu a Academia de poderes para na revisão dos estatutos e do regimento ajustá-los às necessidades da Academia, encerrando-se a sessão, da qual se lavrou ata que é assinada pelo presidente e secretário.

#### RESUMO DA ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE 5-7-37.

Na data supra, no salão nobre da Universidade do Paraná, presentes os acadêmicos Ulisses Vieira, Otávio de Sá Barreto, Benedito Nicolau dos Santos, Ciro Silva, José Pereira de Macedo, Angelo Guarinelo, Rodrigo Junior, Hugo Simas, Lacerda Pinto, Heitor Stockler, Valfrido Piloto e Francisco Leite, sob a Presidência do sr. Ulisses Vieira e secretariado pelos srs. Otávio de Sá Barreto, Benedito Nicolau dos Santos e Ciro Silva, respectivamente Secretário Geral, 1º e 2º Secretários, realizou-se a primeira sessão ordinária da Academia Paranaense de Letras.

Lida e aprovada sem debates a ata da sessão anterior foi em seguida lido o expediente que constou da leitura dos seguintes ofícios e telegramas enviados à Academia agradecendo a comunicação que lhes foi feita de sua fundação: 1º, ofício da Academia Carioca de Letras; 2º, carta do Chefe do Gabinete do Ministro da Educação; 3º, telegrama do Presidente da Câmara

ra dos Deputados; 4º, officio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; officios desta capital: 1º, do Procurador Geral do Estado; 2º, do Comando da Polícia Militar; 3º, da Faculdade de Engenharia; 4º, do Ginásio Paranaense; 5º, da Diretoria Geral da Saúde Pública; 6º, do Real Consulado da Holanda; 7º, do Consulado da Suíça; 8º, da Côrte de Apelação; 9º, do Comando da 5ª. Região Militar; 10º, da Secretaria da Fazenda; 11º, da Secretaria de Obras Públicas; 12º, da Chefatura de Polícia; 13º, da Faculdade de Direito; 14º, da Faculdade de Medicina; 15º, do Consulado de Portugal; 16º, da Assembléia Legislativa; 17º, do Consulado da Polonia; 18º, do Governador do Estado; 19º, do Consulado da Bélgica; 20º, da Secretaria do Interior e Justiça; 21º, da Diretoria de Educação.

Foram lidos ainda, officio da Diretoria Geral de Educação, solicitando preenchimento de questionários estatísticos; outro da mesma procedência, reiterando o pedido; officio da Federação das Academias do Brasil, remetendo instruções e sugestões; idem, idem, remetendo informação e novas instruções. Terminada a leitura do expediente o sr. Presidente, fazendo uso da palavra, communicou à casa que os senhores Euclides Bandeira e Andrade Murici responderam a circular que lhes fóra enviada, não aceitando a inclusão dos seus nomes para membros da Academia; faltando ainda a resposta dos srs. Romario Martins, Serafim França e Tasso da Silveira.

O sr. Presidente, proseguindo em considerações sôbre o assunto da organização do quadro da Academia, disse que o mesmo deveria ser resolvido definitivamente bem como a lista dos patronos. Pelo sr. Secretário Geral foi, então, lida a relação dos patronos existentes, e como ainda não estavam escolhidos os das oito vagas existentes na Academia, propõe que seja constituida uma comissão composta dos srs. Rodrigo Junior e Francisco Negrão para indicar os nomes dos que deveriam patrocinar as cadeiras vagas e colocar os nomes de todos em ordem cronológica, o que foi aprovado. Por iniciativa do Presidente foram abordados os seguintes assuntos: qual a contribuição dos acadêmicos e a joia inicial, ficando aprovada a contribuição de 10\$000 mensais e a joia de 100\$000; designação das primeiras segundas-feiras de cada quinzena, para as reuniões acadêmicas; que o traje para as reuniões ordinárias seriam o comum, ficando instituido provisoriamente o traje de casaca para as sessões solenes, até que fosse adotado o uniforme da Academia; solicitar dos acadêmicos que, em curto prazo, comuniquem à Secretaria o nome literário que adotarem; é feita a comunicação de que a Federação das Academias Brasileiras pediu fossem nomeados seus delegados, tendo o presidente nomeado para esse cargo os srs. Silveira Neto e Flávio Guimarães.

O sr. Secretário Geral lê as instruções enviadas pela Federação para normalizar suas relações com a desta Academia. O acadêmico justifica a ausência do sr. Martins Gomes. Em seguida o acadêmico Francisco Leite faz o elogio do poeta Martins Fontes, recentemente falecido, e pede que sejam prestadas várias homenagens à sua memória, inclusive que se dessem

parte destas a família do morto e à cidade de Santos terra natal do grande aedo. O presidente associou-se àquelas homenagens e pediu que fossem as mesmas extensivas ao escritor paulista Ciro Costa e também a Paulo Setubal, destacados membros da Academia Paulista de Letras, como finalmente a Laudelino Freire, notável filólogo e membro da Academia Brasileira de Letras. O acadêmico Lacerda Pinto, justifica idêntica homenagem à memória do poeta Belmiro Braga, sendo tôdas estas propostas aprovadas. Ficou também deliberado que os srs. acadêmicos deveriam estudar a vida de seus patronos para serem feitos perante a Academia os respectivos elogios históricos e assim foi encerrada a sessão.

#### RESUMO DA ATA DA SESSÃO REALIZADA EM 19-7-37

Em data supra e no lugar de costume reuniu-se a Academia Paranaense de Letras com a presença dos seguintes sócios: Ulisses Vieira, Otávio de Sá Barreto, Benedito Nicolau dos Santos, Ciro Silva, Francisco Negrão, José Pereira de Macedo, Valfrido Piloto e Heitor Stockler:

Aberta a sessão foi lida e aprovada a ata, com ligeiros reparos, notadamente o que se refere à incumbência dada ao acadêmico Pânfilo de Assunção, para elaborar o projeto do emblema da Academia. Expediente: constou de um ofício da Diretoria Geral da Educação, sobre estatística do Centro D. Vital, fazendo um agradecimento; do Instituto Histórico e Geográfico da Baía do mesmo teor; do Ministério das Relações Exteriores sobre a segunda conferência sul-americana de rádio difusão; da Prefeitura Municipal de Santos, agradecendo as homenagens prestadas ao poeta Martins Fontes; dos acadêmicos Francisco Negrão e Rodrigo Junior, enviando a lista de patronos da Academia, na ordem cronológica; do acadêmico Pânfilo de Assunção, remetendo o projeto do emblema da Academia. Livros recebidos: "Produções Literárias" de Cesar Bierrenback, ofertado por d.<sup>2</sup> Noémia Bueno Bierrenback; "Vencendo Rampas" de Ewaldo Krueger; um folheto com discurso do acadêmico Flávio Guimarães, pronunciado no Senado; Revista das Academias Matogrossenses, Petropolitana e Cearense de Letras. Ordem do dia: — Pelo Presidente foi explicado que estava em andamento o trabalho de adaptação do Regimento Interno da Academia Carioca, serviço que estava a cargo do sr. Secretário Geral. Este explica o que tem feito a respeito e pede um voto de pesar pelo falecimento do professor Almachio Diniz, personalidade de renome nas letras brasileiras. Aprovada esta indicação o orador propõe a publicação de um boletim sobre o que ocorrer na vida da Academia, o que é também aprovado. Lembra finalmente o orador a conveniência de se solicitar da Academia Carioca e das Associações das Academias, remessa das publicações desse gênero, feitas por estas instituições, o que é aprovado. O Presidente pede aos acadêmicos que enviem à secretaria os dados bio-biográficos, para ser organizado o livro respectivo e que neste sentido se oficiasse aos acadêmicos ausentes. O sr.

Secretário Geral, apresentou uma relação de livros que precisam ser adquiridos para organização da secretaria tais como o de tombamento e outros; ficou também acentado que se reiterasse por meio de circular o pedido de pagamento de joias. O sr. Secretário Geral justifica a ausência do sr. Quintiliano Pedroso e o sr. Presidente lembra a conveniência de se dar sede própria a Academia, designa a ordem do dia da próxima sessão e encerra esta.

#### RESUMO DA ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE 2-8-37

Reunida na data supra, no lugar de costume, a Academia Paranaense de Letras, sob a presidência do sr. Ulisses Vieira, secretariado pelos srs. Sá Barreto e Ciro Silva, foi lida e aprovada sem debate a ata anterior. *Expediente*: — Constatou da leitura da relação das sociedades congêneres que estão em contacto com a Academia, de um ofício da Academia Norte Rio-grandense, de uma comunicação da União Pan-Americana, outra do Ministério das Relações Exteriores, outra do acadêmico Sá Nunes, declarando que, de forma alguma, aceitará a cadeira número 13, que lhe foi designada no quadro da Academia, e finalmente outra respondendo à circular expedida; uma carta do acadêmico Silveira Neto, agradecendo a sua nomeação para delegado da Academia junto à Federação e outra idêntica do acadêmico Flávio Guimarães.

*Publicações recebidas*: “Sugestões para uma História de Literatura do Paraná”, dois volumes; “Escrituração Mercantil das Associações Beneficentes”, “Versa Tribúncia”, dois volumes, todos ofertados pelo seu autor Raul Gomez; “Revista da Academia Riograndense de Letras”, dois volumes; o sr. tesoureiro faz considerações sobre mensalidades e o sr. Sá Barreto pondera sobre o assunto, citando disposições do Regimento Interno. A matéria da ordem do dia deixou de ser votada por falta de *quorum*. O acadêmico Hugo Simas propõe um voto de louvor ao seu colega Raul Gómez pela brilhante exposição que acabava de fazer sobre o que expõe em seu livro “Metodologia da Redação”, que está em vias de aparecer. Designada a ordem do dia para a próxima sessão, foram encerrados os trabalhos.

#### RESUMO DA ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE 16-8-37

Reunida na data supra, no lugar de costume, a Academia Paranaense de Letras, sob a presidência do sr. Ulisses Vieira, secretariado pelos srs. Otávio de Sá Barreto e Ciro Silva, é lida e sem debate aprovada a ata anterior. *Expediente*: — O Secretário Geral comunica ter expedido quatorze ofícios sobre resoluções tomadas pela Academia e de haver recebido o seguinte: 3 boletins da “Forschungen und Farschritte” de Berlim, 8 volumes de obras diversas remetidas pela direção do Museu Nacional. Correspondência da Concentração Militar e Naval do Rio de Janeiro, solicitando

uma publicação, um officio da Diretoria Geral dos Correios, um discurso do sr. Flávio Guimarães e dos srs. Sá Nunes e Raul Gómez, enviando dados bio-bibliográficos; e finalmente comunica que por falta de tempo não terminou a redação final do Regimento Interno. O Presidente comunica haver conferenciado com o sr. Pânsito de Assunção sobre a modificação do emblema, ficando este assunto definitivamente resolvido e que conferenciou com o sr. Governador do Estado, a fim de obter o mobiliário para a Academia, no que foi atendido; declara que tem sobre a mesa uma carta do professor Fernando de Azevedo, endereçada ao acadêmico Raul Gómez, fazendo referências elogiosas à obra didática daquele confrade sobre "Prática de Redação", que passava às mãos do sr. Secretário para que fôsse lida e transcrita na ata se assim concordasse a Academia e que foi feito e aprovado. O acadêmico Benedito Nicolau dos Santos faz uma interpelação à mesa a propósito de uma notícia dos jornais anunciando um comício das sociedades literárias, contra o comunismo, e no sentido de saber se a Academia estava envolvida em tal assunto, ao que o presidente, respondendo, disse que nem sequer tinha conhecimento do anúncio e que em hipótese alguma a Academia se afastaria do seu programa estritamente literário e científico. Ordem do dia: achando-se inscritos para falar na hora literária os acadêmicos Lacerda Pinto, Ciro Silva e Sá Barreto, o Presidente convidou-os pela ordem de inscrição a tomarem a palavra, lendo o primeiro o poema de sua lavra "Para Além da Morte", o segundo uma página intitulada "Arte e Poesia" e o terceiro o poema "Burlesco"; todos os oradores foram muito aplaudidos. O sr. Sá Barreto leu afinal uma página intitulada "Maria Clara, menina de arrabalde", recebendo muitos aplausos.

Foi designada a ordem do dia para a próxima sessão, transcrita na ata a carta que já se aludiu, encerrando-se os trabalhos.

#### RESUMO DA ATA DA SESSÃO DE 6-9-37

Na data supra e no lugar do costume, sob a presidência do sr. Ulisses Vieira, secretariado pelos srs. Sá Barreto e Benedito Nicolau dos Santos, reuniu-se a Academia Paranaense de Letras achando-se presentes doze srs. acadêmicos. Lida, é aprovada, sem debate, a ata da sessão anterior. *Expediente*: — Constatou da comunicação do sr. Secretário Geral, de haver, consoante despachos do sr. Presidente, expedido 13 officios, uma circular aos srs. acadêmicos e de ter recebido os seguintes livros e publicações: 17 volumes de obras diversas, enviadas pela Academia Carioca de Letras e da lavra de associados seus, inclusive 3 números da Revista da mesma Academia e 1 volume das teses aprovadas pelo Congresso das Academias de Letras e Sociedades Culturais do Brasil, 9 volumes de obras diversas remetidas pela Academia Riograndense de Letras, Boletins nº 23 e 24, de agosto deste ano da "Forschugen und Fortschritte" de Berlim. *Correspondência*: — Comunicou haver recebido os seguintes officios: 1 da Academia Riograndense de Letras remetendo as obras já editadas e fazendo comentários sobre

o intercâmbio literário; 1 do Presidente da 2ª Conferência Sul-Americana de Rádio, agradecendo a publicação das instruções sobre Direitos Autorais Radiodifusão e acusando o recebimento de notícias enviadas por esta Academia; 1 do 1º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado, convidando o sr. Presidente para assistir à instalação da sessão legislativa; carta do acadêmico D. Alberto Gonçalves, comunicando sua vinda a esta Capital; dos acadêmicos Silveira Neto e Flávio Guimarães, relatando suas atividades como delegados junto à Federação das Academias; da Diretoria do Arquivo, Bibliotéca e Mapotéca do Ministério das Relações Exteriores, solicitando a remessa da relação dos membros da Academia e dados bio-bibliográficos dos mesmos. A propósito o Presidente reitera aos srs. acadêmicos que enviem no mais curto prazo à Secretaria aqueles dados, não só para atender ao pedido ora feito senão também para escrituração e registro dos srs. sócios. Prossequindo propõe que o eminente acadêmico D. Alberto Gonçalves, quando da sua vinda a esta Capital, seja condignamente recebido por esta Academia, o que é aprovado, designando-se o acadêmico Sá Nunes para saudar o recipiendário em dia que será previamente designado. Continuando ainda, o sr. Presidente lembra que no próximo dia 26, transcorrerá a data da fundação da Academia que a seu vêr deve ser comemorada. Aprovada esta indicação, o Presidente nomeia o acadêmico Martins Gomes para orador oficial e convida os colégas que se queiram inscrever para fazerem a leitura de trabalhos seus. Inscreveram-se os acadêmicos Alceu Chichorro, Heitor Stockler, Sá Barreto, Lacerda Pinto e Ciro Silva. Passando à ordem do dia, o sr. Secretário Geral pediu escusar por não lhe ser possível ler o relatório do 1º semestre por não estar ainda definitivamente ultimado, mas fa-lo-ia na próxima sessão ordinária. Dispensada a leitura, foi comunicado já estar pronto o *croquis* do emblema da Academia, trabalho do artista J. Peón com as sugestões do acadêmico Pânfilo de Assunção e da Diretoria; êste trabalho mereceu elogios dos acadêmicos que o examinaram, ficando adotado, e que se mandasse confeioar a matriz em bronze, bem assim a miniatura do mesmo emblema em metal e esmalte para serem usados privativamente pelos acadêmicos. *Hora Literária*: — Passando-se a essa parte da ordem do dia, pede a palavra o acadêmico Heitor Stockler que lê uma página de sua autoria sobre Luiz de Camões. Segue-se com a palavra o acadêmico Pereira de Macedo que lê um trabalho relatando sua viagem à Baía como representante do Rotary Club Paranaense. Ambos os oradores foram aplaudidos e festejados pelos seus pares, pelo brilho das páginas lidas: a primeira revivendo o grande poeta luzitano no seu perfil literário e o segundo pela justeza dos conceitos e beleza discritiva de aspectos, tipos e costumes regionais da terra baiana. Finalmente Alceu Chichorro lê dois sonetos intitulados "*Invectiva do Sêr*", versos que produziram ótima impressão pelo rigor da técnica e pelas idéias filosóficas que traduzem. Finalmente ainda o Presidente lembra que amanhã é a data que marca nos fastos da história do Brasil a nossa Independência e, por isso, e na persuasão de que interpretava o pensar dos srs. acadêmicos, propunha que se lan-

çasse em ata um voto de regozijo e de congratulações com a nossa grande Pátria, tecendo considerações sobre o assunto sendo suas palavras aplaudidas pelos srs. acadêmicos que também aprovam aquela homenagem. Em seguida determina a ordem do dia da próxima reunião e encerra os trabalhos.

#### RESUMO DA ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA REALIZADA EM 27-9-1937, COMEMORATIVA DO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA ACADEMIA

Na data supra, às 20 horas, no lugar de costume, reunida a Academia sob a presidência do sr. Ulisses Vieira, secretariado pelos srs. Otávio de Sá Barreto, Benedito Nicolau dos Santos e Ciro Silva, com a presença de acadêmicos e número regimental foi aberta a sessão, lida a ata da reunião anterior que foi aprovada com ligeira retificação requerida pelo acadêmico Lacerda Pinto. *Expediente*: — O sr. Secretário Geral comunica que expediu seis ofícios e uma circular aos srs. acadêmicos e que recebeu a seguinte correspondência: ofício do Diretor da Faculdade de Medicina, idem do Conselho Superior do Patrimônio Cultural do Paraná e cartas dos acadêmicos Sá Nunes, Silveira Neto e Flávio Guimarães, do poeta Altivir Basetti acompanhada de um exemplar de um livro de versos de sua autoria; que recebeu mais as seguintes obras e publicações: "Poliantéa Comemorativa do Jubileu Sacerdotal" de D. Alberto Gonçalves, tres volumes de anais da Diocese de Ribeirão Preto, "Confiteor", de Paulo Setubal, todas ofertadas pelo acadêmico D. Alberto Gonçalves, tres exemplares do Boletim "Forschungen und Forstschritte", "Símbolos e Alma", versos de Altivir Basetti, oferta do autor. Terminada a leitura do expediente, o Presidente convidou o Secretário Geral para ler o relatório dos trabalhos acadêmicos correspondente ao primeiro trimestre do ano corrente, tendo entretanto sido adiada essa leitura para a próxima sessão, por ser esta de caráter extraordinário, conforme ponderação do próprio Presidente; com a palavra, o acadêmico Martins Gomes faz o elogio fúnebre do sócio sr. Francisco Negrão, e propõe que sejam prestada à memória do ilustre morto várias homenagens entre as quais uma sessão especial no próximo dia 11, trigésimo de seu falecimento, o que foi aprovado; passando ao assunto objeto desta convocação, o sr. Presidente referiu-se à fundação da Academia e, em discurso rápido, historiou a vida desta instituição literária e do papel que lhe está reservado nos fastos da intelectualidade paranaense, concitando seus pares a um trabalho sem esmorecimento para que fosse possível à Academia atingir suas altas finalidades. Em seguida deu a palavra ao orador oficial acadêmico Martins Gomes, que proferiu brilhante discurso vasado em estilo claro e modelar. O orador rememora o passado literário do Paraná, principalmente do grupo de que fazia parte e que lançara há muitos anos a ideia hoje vitoriosa de se organizar uma federação literária que congregasse os elementos culturais de todo o país. A oração do acadêmico Martins Gomes foi muito

aplaudida. A seguir o acadêmico Alceu Chichorro leu dois sonetos de sua autoria intitulados "Minha Mãe" e "Anjo Enfermo"; Ciro Silva lê diversos poemas de sua lavra; Angelo Guarinelo lê um capítulo da novela "Crime Sagrado"; Heitor Stockler declama um poema de saudação à primavera — "Natureza em festa"; Lacerda Pinto declama o soneto "Poesia e Metafísica", Martins Gomes lê uma página festejando a primavera, Sá Barreto, declama versos em que se desenvolve um episódio entre Colombina, Arlequim e Pierrot, e finalmente declama ainda versos intitulados "Para, aquela que ha-de vir...". Terminada a parte literária pede a palavra o acadêmico Pânfilo de Assunção que, em vibrante discurso, saúda a Academia e principalmente seus fundadores na pessoa do presidente Ulisses Vieira que, sem esmorecimento e com brilho invulgar, trabalhou para conseguir uma grande realização, alcançando com êxito a primeira etapa da vida acadêmica, o que representava uma grande conquista no terreno intelectual. Ninguém mais querendo usar da palavra o Presidente agradeceu as referências que lhe foram feitas pelo acadêmico Pânfilo Assunção, designou a ordem do dia para a próxima sessão, o acadêmico sr. Raul Gomes como orador oficial para as homenagens a memória do sr. Francisco Negrão e encerrou a sessão, da qual se fez esta ata.

#### RESUMO DA ATA DA SESSÃO DE 11-10-37, EM HOMENAGEM AO ACADÊMICO FRANCISCO NEGRÃO

Na data supra, no lugar de costume, realizou-se a sessão da Academia Paranaense de Letras em homenagem à memória do ilustre acadêmico Francisco Negrão. Aberta a sessão presidida pelo sr. Ulisses Vieira, secretariado pelos srs. Sá Barreto, Benedito Nicolau dos Santos e Ciro Silva respectivamente, Secretário Geral e 1º e 2º Secretários, achando-se presentes doze senhores acadêmicos, foi lida e sem debate aprovada a ata anterior. Sendo notada entre as pessoas do auditório o representante da família do ilustre morto, foi este convidado para tomar assento em lugar de destaque. O sr. Secretário Geral comunica que a Academia se fez representar nos funerais do sr. Francisco Negrão, tendo o acadêmico Ciro Silva falado por ocasião do sepultamento desse confrade. *Expediente*: — Constatou do seguinte: um exemplar da revista "Ciências e Letras" da Academia do mesmo nome; um exemplar da revista "École Brasilienne de Verité"; obras do General Liberato Bitencourt; mensagem do sr. Governador do Estado; boletim nº 15 de setembro deste ano, da Sociedade Geral de autores da República Argentina. *Ofícios e Cartas recebidas*: — Da Academia Riograndense de Letras, remetendo notícias de jornais; duas cartas do acadêmico Silveira Neto, delegado junto à Federação das Academias e um ofício desta. No intervalo desta sessão foram expedidos 9 ofícios e uma circular aos srs. acadêmicos; a seguir o sr. Secretário Geral requer a transcrição em ata do ofício da Federação das Academias dirigido ao sr. Presidente, o que é apro-



vado. Transcrição do ofício supra: Federação das Academias de Letras do Brasil, Rio de Janeiro, 3 de outubro, de 1937. Sr. Presidente da Academia Paranaense de Letras.

“A Federação das Academias de Letras do Brasil, está acompanhando jubilosamente a ação que a Academia Paranaense de Letras vem desenvolvendo em proveito da cultura do Estado, senão do País, e desejando manifestar-lhe por isso o júbilo com que a vem seguindo, o faz pelo presente ofício, que traduz estímulos e aplausos vivíssimos, reconhecendo a Academia como das mais inspiradas na ação cultural, dentre as instituições filiadas. Reitero-vos os protestos de meu subido aprêço e alta estima intelectual.

*Afonso Costa, 1º Secretário”.*

Em segunda o sr. Presidente deu a palavra ao Secretário Geral para proceder à leitura do relatório referente ao primeiro trimestre, o que foi feito com geral agrado dos srs. acadêmicos, tendo o Presidente elogiado a brilhante atuação do ilustre sr. Secretário Geral; continuando, o Presidente comunica com profundo pesar o falecimento do ilustre consócio Dario Vellozo e que, por ocasião dos seus funerais, em nome da Academia, prestou as homenagens que eram devidas àquele eminente acadêmico, terminando por pedir que se lançasse em ata um voto de profundo pesar e que se desse comunicação à família do morto, desta e das demais homenagens que a Academia quizesse prestar à sua memória; outrossim lembrava que se deveria fazer uma sessão especial em honra do eminente morto. Estas sugestões foram aprovadas, designando o Presidente o acadêmico Valfrido Piloto como orador oficial da Academia. O sr. Presidente, a seguir, diz que, estando presente à sessão o sr. Francisco Kurt Lang, musicista e sociólogo uruguaio, pessoa de alta projeção nos meios sociais e intelectuais latino-americanos, designava o acadêmico Benedito Nicolau dos Santos para saudá-lo. O orador desempenhou-se brilhantemente da tarefa, tendo o sr. Kurt Lang agradecido aquela distinção da Academia. Logo após o Presidente dá a palavra ao orador da sessão sr. Raul Gómez, que ocupa a tribuna por largo tempo, estudando a personalidade de Francisco Negrão através de sua vida e dos trabalhos por ele deixados, salientando a “Genealogia Paranaense” e os Boletins do Arquivo Municipal de Curitiba, lê diversos trechos de trabalhos do homenageado, inclusive uma página relativa à sua infância, escrita em S. João da Graciosa. O orador termina o seu trabalho sob os aplausos da assistência. O Presidente faz os agradecimentos de estilo, marca a ordem do dia da próxima reunião, designa o acadêmico Laertes Munhoz para saudar D. Alberto Gonçalves, em substituição ao acadêmico Sá Nunes, que se escusou da incumbência e encerrou os trabalhos.

## RESUMO DA ATA DA SESSÃO DE 18-10-37, POR OCASIÃO DA VISITA DO ACADÊMICO D. ALBERTO GONÇALVES

Na data supra e no lugar de costume, realizou-se a sessão ordinária da Academia Paranaense de Letras, para receber o acadêmico D. Alberto Gonçalves. Aberta a sessão pelo Presidente sr. Ulisses Vieira, secretariado pelos srs. Sá Barreto, Benedito Nicolau dos Santos e Ciro Silva, com a presença de 14 senhores acadêmicos e de pessoas gradas, amigos e parentes de D. Alberto Gonçalves, foi lida a ata anterior e aprovada sem debate. *Expediente*: — Não houve. *Ordem do dia*: — O Presidente explica o fim da reunião que era receber a visita do eminente acadêmico D. Alberto Gonçalves, refere-se à personalidade deste, exaltando suas virtudes sacerdotais, de cidadão, patriota e de intelectual notável, acrescentando que a presença do ilustrê visitante no quadro acadêmico era motivo de honra para este sodalício e assim era com a mais viva alegria que os acadêmicos recebiam a honrosa visita e davam as boas vindas ao preclaro companheiro, dando imediatamente a palavra ao orador oficial para saudar o egrégio visitante. O acadêmico Laertes Munhoz faz então eloqüente saudação a D. Alberto, lê trecho do discurso proferido por seu pai, o ilustre paranaense Alcides Munhoz, a respeito da personalidade de D. Alberto, faz outras considerações e termina sob aplausos o seu brilhante discurso. Pede a palavra o acadêmico D. Alberto Gonçalves, que, em ligeira oração, agradece a homenagem que vinha de lhe ser prestada, faz considerações sobre o papel da Academia e finaliza, reiterando seus agradecimentos. O acadêmico Heitor Stockler lê uma bela poesia de sua lavra, intitulada "Anchieta". O Presidente agradece o comparecimento dos srs. acadêmicos, determina que a sessão de 1º de novembro tenha como ordem do dia as homenagens da Academia à memória de Dario Vellozo, e encerra os trabalhos.

---

## Bibliografia

A Academia Paranaense de Letras está organizando uma bibliotéca de obras literárias, científicas, de cultura em geral, especialmente americanas, e para êste fim espera receber livros e revistas de escritores e de associações congêneres.

Recebemos e agradecemos: Folheto nº 2 do Museu Nacional do Rio de Janeiro; Fâuha Brasiliense, por Lauro Tavares; XXXV e XXXVI vols. de Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro; 1 vol. As Famosas Armadas Portuguesas 1496-1650, reconstituídas por iniciativa do ilustrado capitão de Fragata Dídio Iratim Afonso da Costa, sob os auspícios do Ministério da Marinha; Boletins oficial nºs. 15, 16, 17, 18 e 19 da Sociedad General de Autores de La Argentina; Números do Correio do Departamento de Cooperação Intelectual da União Pan-Americana de Washington D. C. e mais 34 folhetos referentes as Repúblicas Sul-Americanas; números 4, 55 e 56 do ano 30 da Revista da Academia Brasileira de Letras; 1 vol. de Estado de Sergipe em 1934; 1 vol. contendo o discurso de recepção do padre Castro Neri na Academia Paulista de Letras; 1 vol. do Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro; 10 folhetos da publicação Forschungen und Fortscritte; 1 vol. de versos humorísticos, intitulado "Churumela", de João Minhoca; 1 vol. da novela "O Céguinho" de Jaime Balão (pai); Nºs 3, 4 5 e 6 da Revista Marítima Brasileira; nº 4 do ano 1º da Revista da Academia Paulista de Letras; nº 5 do ano 11 da Revista das Academias de Letras; vol. XIX do ano 62 da Revista do Instituto Histórico de Alagoas; 1 vol. da História do Teatro Brasileiro, por Lafayette Silva, publicação do Ministério de Educação e Saúde; 1 vol. de contos "Resurreição" de Angelo Guarinelo; 1 vol. da História do Paraná, de Romário Martins; 1 vol. das Caixas Econômicas Federais, de De Plácido e Silva; 30 exemplares do "O Estado Autoritário", de Azevedo do Amaral; Folheto Poliantéa do 1º Centenário da Santa Casa de Paranaguá.

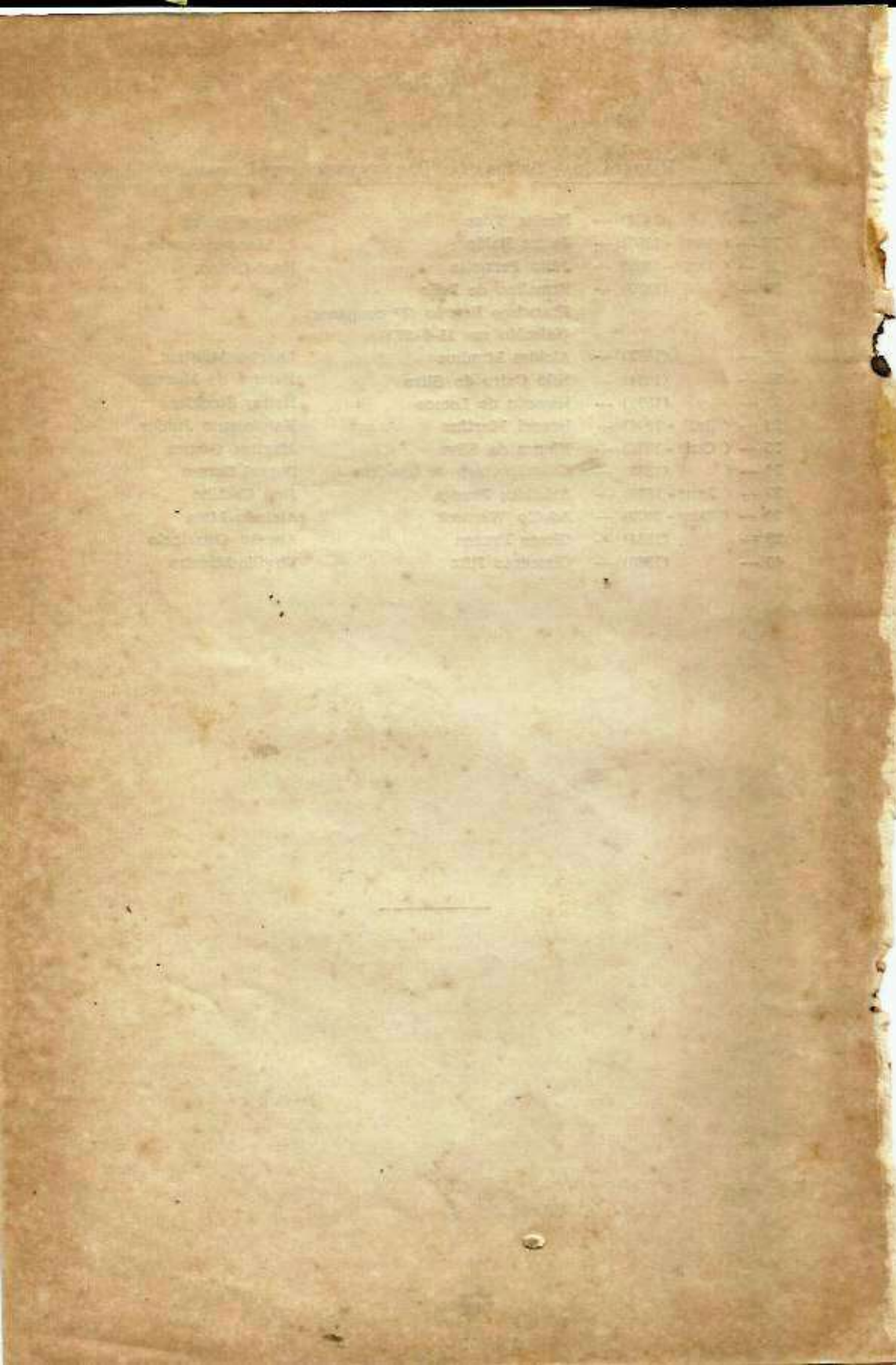
LIVROS ENVIADOS PELA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS  
AS BIBLIOTÉCAS PÚBLICAS DO BRASIL E  
AS SOCIEDADES CONGÊNERES

<i>História do Paraná</i> de Romário Martins .....	20	exemplares
<i>Caixas Económicas Federais</i> de De Plácido e Silva .....	15	"
<i>Antologia Paranaense</i> de R. Junior e A. Plaisant .....	10	"
<i>Ressureição</i> (Contos) de Angelo Guarinelo .....	25	"
<i>Etnia Brasileira</i> de Flávio Guimarães .....	20	"
Total .....	90	

## Quadro Social da Academia Paranaense de Letras

CADEIRAS	PATRÕES	ACADÊMICOS
1 —	(1831) — Fernando Amaro	Silveira Neto
2 —	(1834) — Bento Fernandes de Barros	Pânfilo de Assunção
3 —	(1839) — Manoel Eufrásio Correia	Leoncio Correia
4 —	(1840) — Telemaco Borba	Enéas Marques
5 —	(1841) — Alfredo Munhoz	Milton Carneiro
6 —	(1842) — Ubaldino do Amaral	Sá Nunes
7 — ( Janº - 1845) —	Albino Silva	Ciro Silva
8 — ( Fevº - 1845) —	João José Pedrosa	Azevedo Macedo
9 — ( Janº - 1847) —	Eusébio Mota	Vaga
	Dario Velozo (1º ocupante) (fa- lecido em 28-9-37)	
10 — ( Agoº - 1847) —	Joaquim de Almeida Faria	Lacerda Pinto
11 — ( Janº - 1849) —	José Gonçalves de Moraes	José Guelbecke
12 — ( Agoº - 1849) —	Brasílio Itiberé da Cunha	B. Nicolau dos Santos
13 — ( (1850) —	João E. Braga, (Conego)	Artur Franco
14 — ( Marº - 1851) —	Manoel Vicente (Conego)	Alberto Gonçalves, Bispo
15 — ( Abrº - 1851) —	Fernando Simas	Hugo Simas
16 — ( (1853) —	Luiz França	Loureiro Fernandes
17 — ( (1857) —	Rocha Pombo	Valfrido Piloto
18 — ( (1859) —	Moisés Marcondes	Flávio Guimarães
19 — ( (1860) —	Vicente Machado	João Cândido
20 — ( (1862) —	Dias da Rocha Filho	Francisco Leite
21 — ( Maio - 1863) —	Domingos Nascimento	Omar Mota
22 — ( Agoº - 1863) —	Francisco C. de Oliveira	Rodrigo Junior (João E. Carvalho de Oliveira).
23 — ( Janº - 1866) —	Emiliano Pernetta	De Sá Barreto
24 — ( Outº - 1866) —	Joaquim P. Pinto Chichorro Junior	Alceu Chichorro
25 — ( Maio - 1867) —	Nestor de Castro	I. Serro Azul
26 — ( Julº - 1867) —	Emílio de Menezes	Helvidio Silva

27 —	(1868) —	Nestor Vitor	Ulisses Vieira
28 —	(Fev <sup>o</sup> - 1869) —	Jaime Balão	J. Mansur Guerios
29 —	(Dez <sup>o</sup> - 1869) —	Júlio Pernetta	Raul Gómez
30 —	(1870) —	Ermelino de Leão	Vaga
		Francisco Negrão (1 <sup>o</sup> ocupante)	
		(falecido em 11-9-37.)	
31 —	(1873) —	Alcides Munhoz	Laertes Munhoz
32 —	(1874) —	Nilo Cairo da Silva	Pereira de Macedo
33 —	(1875) —	Ricardo de Lemos	Heitor Stockler
34 —	(Jul <sup>o</sup> - 1876) —	Ismael Martins	Nascimento Junior
35 —	(Out <sup>o</sup> - 1876) —	Niepe da Silva	Martins Gomes
36 —	(1878) —	Scharffenberg de Quadros	Durval Borges
37 —	(Jun <sup>o</sup> - 1879) —	Aristides França	José Cadilhe
38 —	(Dez <sup>o</sup> - 1879) —	Adolfo Werneck	Alcindo Lima
39 —	(1884) —	Cícero França	Angelo Guarinelo
40 —	(1888) —	Clemente Ritz	Virgilio Moreira



**DIRETORIA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS**

— 1936 - 1939 —

*Presidente* — Ulisses Vieira  
*Vice-Presidente* — Francisco Leite  
*Secretário Geral* — De Sá Barreto  
*1.º Secretário* — B. Nicolau dos Santos  
*2.º " "* — Ciro Silva  
*Tesoureiro* — Pereira de Macedo  
*Bibliotecário* — Valfrido Piloto

**REDATORES DA REVISTA**

**Ulisses Vieira**

**De Sá Barreto**

**Rodrigo Junior**

**Raul Gómez**

**Valfrido Piloto**

Séde da Academia — Apart. N.º 101 - 1.º andar  
Palácio Avenida — Travessa Oliveira Belo

Caixa do Correio, 670

— CURITIBA —

Tôda a correspondência da "REVISTA" deverá ser endereçada  
à Redação para a Caixa supra indicada



